CLÁUDIO VERAS

e a alógica poesia de VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

Organizado por
Admmauro Gommes

apenasvital@gmail.com
https://www.facebook.com/USINAVCA/

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio ou processo sem a devida autorização do autor.

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa:
CriAArt - criaart@hotmail.com

Conselho Editorial:
Docentes da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul/FAMASUL (Palmares/PE):
Gleidistone Antunes da Silva
Wilson Alves dos Santos
Marcia Maria da Silva
Maria das Graças Santos

Seleção de textos, Coordenação Editorial e Revisão:
Admmauro Gommes

FICHA CATALOGRÁFICA

Araújo, Vital Corrêa de, 1945 –
Cláudio Veras e a Alógica Poesia de Vital Corrêa de Araújo
/ GOMMES, Admmauro (Org)
Aracaju: Criaart, 2021.
182 p.

1.LITERATURA BRASILEIRA 2. POESIA PERNAMBUCANA. 3. POESIA ABSOLUTA. 4. CRIAÇÃO LITERÁRIA. 5. CRÍTICA LITERÁRIA. 6. BIOGRAFIA DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO.
I. Título

ISBN 978-65-87230-12-2

Impresso no Brasil – 2021

ÍNDICE

1.1. AS PRIMEIRAS CONSEQUÊNCIAS.....21
1.2. TRATADO VITAL.....24
1.3. CÂNTICO NOVO (NOVO CÂNTICO).....26
1.4. A POESIA DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO.....31
1.5. HERMETISMO VITAL.....34
1.6. POETA HERMÉTICO, E DAÍ?.....36
1.7. POESIA ABSOLUTA (4).....39
1.8. POESIA ABSOLUTA (5).....40
1.9. AVÍNCULO VITAL.....42
1.10. O POETA V.....43
1.11. POÉTICA E EMPIRIA.....45
1.12. SOBREVITAL.....47
1.13. A POÉTICA DE FRAGMENTOS DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO.....51
1.14. VITAL QUALIDADE SÔNICA.....55
1.15. A PROPÓSITO DE AVE SÓLIDA.....57
1.16. O POETA VITAL.....63
1.17. POESIA RUMOR DE CRISTAL E CHAMA.....65
1.18. FRAGMENTOS (TERÇO FINAL) DE TEXTO....67
1.19. VCA: RIGOR DO CAOS.....68
1.20. APRECIAÇÃO LIGEIRA DA OBRA DE ADMMAURO GOMMES SOBRE VCA.....69
A ÉBRIOS.....156
A SONÂMBULOS OLHOS.....152
A TI.....146
AMANHECER EM BOA VIAGEM.....141
ÂNGULO DE DEUS.....109
ANOS EXPRESSIONISTAS.....79
ASSIM ISSO.....130

BODAS DE ADÔNIS.....110
CANTO ÍTICO.....150
COMEÇO DA REAÇÃO CONTRA CIDADES
TENTACULARES.....84
COMO STADLER MORREU.....87
DA POESIA DE STADLER.....88
DE MÚSICA DE ABISMO E BRILHO DE
PÁSSARO.....147
DE ONDE VENHO?.....154
DE ROSTOS E MORTE (E DO POETA).....157
DIAS A NOITES.....124
DIDO.....145
DILUIÇÃO E CINZA.....134
DÍSTICOS DE ABELHA.....127
DO LIVRO SOBRE... BORGES.....135
DOIS PUMAS DE POEMAS.....147
ERA UM QUARTO EM LISBOA AINDA EM
NOVEMBRO E CHOVIA.....133
GRODEK.....111
IMPLICIT.....111
IRREVELAÇÕES VITAIS.....107
LÍMPIDO FEROCE.....129
MEDIDAS.....139
MINHA NOITE.....118
MÍNIMO HUMANO.....134
NATUREZA TECNOLÓGICA MORTA.....163
NOTAS.....140
NOTÍCIA DA MORTE DE SENAQUERIBE.....113
O FUTURO NÃO É ASSÍRIO.....114
O RETÁBULO E SEUS ÂNGULOS FLÁCIDOS.....131
OLHAR DO DESEJO DE SETEMBRO.....148
PAGO DO RELÂMPAGO.....119

POEMAS AO LÉU.....116
POEMAS DE UTILIDADE PÚBICA.....136
POR QUE BEBO?.....112
POTÁVEL CRATERA DE EROS.....141
QUERER.....143
REVEL.....112
RITOS E SER DO VERBO.....144
SETEMBRO MORREU.....149
SIGA O DESVANEIO.....105
SOBRE POESIA E DEUS.....151
STADLER E O FUTURO MILITAR.....86
STADLER.....82
TRÁGICO PÓDIO EXPRESSIONISTA.....81
TRAKL.....94
TUDO FRAGMENTO.....117
VEIO DO SAL.....155
VERBO AMOR.....142
VÉUS CIÚMES.....145
VOGÁLIA.....156

CAMINHOS DA POESIA ABSOLUTA

Vital Corrêa de Araújo (por ele mesmo)

A poesia absoluta, cujos delineamentos e primeiras tentativas de conceituação vieram da Alemanha, com o Prof. Cláudio Veras, a que dei continuidade e alimentei com poemas o processo, e o Prof. Admmauro Gommes – da FAMASUL deu coerência final e levou a debate, entre alunos e professores das Faculdades da Mata Sul, não é uma oferta, é uma conquista.

É um tema fértil, uma fecundíssima teoria, um processo de descobrimento espontâneo, factível, hipnótico digamos, posto que estudantes de letras, desde a primeira série, início do curso, em 2013, a tal se dedicam, investem... e com tal autoridade e precisão assombrosas... e assim revelam a potencialidade do assunto, numa demonstração cabal da própria capacidade dos estudantes, o tirocínio em imergir com êxito e consciência e decisão, em campo tão complexo e novo.

Ao desencanto característico dos sistemas educacionais fechados, à falta de porosidade e impermeabilidade ou desosmose pedagógica, ou ao conservadorismo curricular, alunos e professores da FAMASUL opuseram corajosamente o reencanto, a vontade de trilhar o novo, e desprezar os velhos

caminhos ínvios e sem saída de sempre. (A respeito da teoria do reencanto - que parte do desencanto, leia o filósofo Reginaldo Oliveira, e sua obra Sabedoria ou Mediocridade – Diálogos no Reino das Águias/Bagaço/2013).

E assim levar a barca da literatura até os portos da eternidade e seus cais infinitos. Num esforço de pedra aguda em busca de polir o futuro (e seu bom termo). Biblicamente, equivale a ver o escuro, a por o poema sob o olhar de Deus. Incitar o desempenho do ser em formação. E recusar a repetir, imitar, ser objeto e não ato de aprendizado.

Lutar para dar validade humana ao homem, ver e dar à vida literária vigência e não ausência. Esgrimar na lauda pelo velo e revelo do texto. Se sol vá à boca do ocaso infalivelmente, por que não o admitir? E comemorar o ocidente?

O que já não se disse nunca em poesia, diga-se agora... e não se cale. Por temor ou triste retórica ou reverência parda. Por ser uma pergunta essencial, hoje, agora, à época, o que seja poesia absoluta ainda não tem resposta. É uma indagação em progresso... e uma resposta em formação. São perguntas radicais que se alimentam de respostas contínuas, como as que Cláudio Veras, Adriano Marcena, Admmauro Gommes, João Constantino Gomes, Marcondes Calazans, Wilson Santos, Ricardo Guerra, Osman Holanda Cavalcanti, José Rodrigues, Reginaldo Oliveira, Sébastien Joachim,

Rogério Generoso, Luiz Alberto Marques Lisboa (Dedé), Luiz Alberto Machado (Nito), Sylvia Beltrão, Tony Antunes, Zé Ripe, entre tantos, dão com competência absoluta.

Prefácio

CLÁUDIO VERAS E A HERMÉTICA POESIA DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

Admmauro Gommes
Poeta, palestrante e professor de teoria literária
Xexéu/Pernambuco

Dentre tantos que têm se arvorado na exegese da obra de Vital Corrêa de Araújo destaco o primoroso trabalho realizado pelo professor Cláudio Veras (CV). Este vem, há mais de duas décadas, escrevendo inúmeros artigos sobre a poesia absoluta e o fenômeno que é VCA.

Vital tem incomodado, em demasia, os cultores do verso tradicional. Diante dele, não dá para ficar estático, mas extático, pois suas incursões no campo da metáfora são estarrecedoras, apavorantes. "Poética de difícil digestão" (CV). Talvez seja este ponto que também chamou a atenção de Sebastian Joachim e Rogério Generoso, outros dois gigantes conhecedores dos artifícios literários de Vital. Aliás, a primeira exposição sobre o poeta de *Ave Sólida* que presenciei foi na Famasul, exatamente por Generoso. Joachim, através do livro O destino da obra de Vital. De Veras, vi várias vezes em textos avulsos em jornais de Garanhuns, prefácios e críticas a respeito do mesmo poeta. Em todo tempo, Cláudio Veras demonstrou muito

domínio acerca do pensamento e do emaranhado estético-filosófico que engendra a arte VCA. De posse de seus tantos escritos, resolvemos juntar a maioria dessa produção em livro. É a presente obra. Ou obra-presente.

De qualquer modo, verifico que há sempre uma reação imediata, contrária à poética vitalina (a que chamo desde sempre de vitalícia). Tal investida, tanto ocorre por experientes pesquisadores, professores, ou mesmo estreantes do curso de letras na Mata Sul pernambucana. Todos se arrepiam diante de um verso desafiador. Mas, enfim, rendem-se, pois "A poesia de VCA conjuga sensibilidade e inteligência" (CV).

Os versos de Vital não são jogados ao léu, por acaso, e se arrumam sozinhos na folha do papel. Mesmo que assim pareça, é embuste artístico (fingimento deVeras). Resultam de constante luta entre o consciente e o inconsciente do poeta, que passou pela leitura de grandes autores universais, varando décadas e mais décadas para testar o limite da metáfora. Esse insurgimento contra o verso fácil e declarada guerra ao atrasacionismo literário no Brasil fazem de Vital e sua poesia serem uma coisa só. Ainda sobre a ótica de Cláudio Veras, o "mistério e a disponibilidade lírica pontuaram a trajetória de Vital Corrêa de Araújo na vida (literária e física)." Sua obra é resumo de uma vida, síntese de homem e arte, suprassumo de uma poesia

que ainda não se estabeleceu definitivamente como âncora da nova literatura brasileira. Mas haverá dias em que se perceberá tal substância. Porque, como diz Cláudio Veras, é "Poesia de alta voltagem conotativa." E completa: "A poesia de VCA é única."

As referências que elenquei até aqui de Cláudio constam nos textos que seguem no primeiro capítulo deste livro. Para entender o trajeto do autor em análise, são tão necessárias quanto estas:

"VCA é mineiro que bateia na página gemas de palavras"

"O vínculo sintático é desprezível em benefício do verso"

"A poesia absoluta é. Não significa." Por isso, considera Veras que Vital "é um poeta de leitores infiéis."

"Em VCA, a imagem é o corpo do poema, a metáfora sua alma."

"A poesia de VCA deve ser lida como uma partitura de sonho ou lauda de pesadelos (...) e faz algo em nosso id despertar."

"Há no verso de VCA qualidade sônica, crótalo de aliterações, nós de sino, música consonantal."

"A poesia de Vital é alógica. Mas súbita e intensamente humana (...) e vai além dos limites relativos"

Ir além dos limites. Este é o propósito, marca indelével de VCA. Ele fez votos de superação, mas um superar-se a si mesmo. Quando consegue uma nova ideia sobre o poético, percebemos em seu semblante um brilho que fulgura como se dos olhos de um adolescente que encontrou a maior pepita de ouro, ou se apaixonou pela prima vez. É deste modo que a renovação da poética de Vital se alimenta de sua própria imaginação, procura infinita, perseguição do verbo, sem trégua. Vital se considera um alquimista, em busca da Pedra Filosofal. A invenção de um Vital já é algo alquímico, nebuloso, enigmático em extensa obra cercada de mistério, "hermética e daí?"

À guisa de conclusão, cedo a palavra ao eminente professor de literatura Cláudio Veras:

"Há um veio profundo que leva ao hermetismo estético da poesia de VCA. De extração italiana e grega. (Greco-romana?).

Ungaretti, Montale e Quasímodo. A tríade que Vital sequestrou. (Foi exatamente isso e mais o mergulho dele em Pound, Michaux, Séferis, Elithis, Eliot, Aleixandre, Guillén que me provocaram a aproximação desse poeta, para mim – bem como para Joachim e César Leal – ímpar).

O bendito hermetismo italiano do século XX tem raízes francesas: Rimbaud, Mallarmé, Valéry, outra tríade de que Vital se abebera sempre."

CLÁUDIO VERAS
e a alógica poesia de
VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

Organizado por Admmauro Gommes

Capítulo I

TRATADO VITAL DA POESIA

Textos de Cláudio Veras

Professor de literatura, em Heidelberg/Alemanha

1.1. AS PRIMEIRAS CONSEQUÊNCIAS

A poesia de Vital Corrêa de Araújo (VCA) é alógica, como um todo. O alogicismo é soberano.

Reina a descompreensão criadora. Ela (essa poesia, que Alberto Lins Caldas tachou de enlouquecida, delirante, inovador horror estético) brota das ribeiras do seu rico imaginário.

Aqui, em Heidelberg, quando o vi pela primeira vez (após percorrer alguns dos milenares prédios, paramos na ponte), VCA me passou um livro custoso de ler, em que me demorei, face ao êxtase do que era possuído a cada parágrafo ou verso. Era *Burocracial*.

Depois, me mandou *Gesta Pernambucana e Bando de Mônadas*. Se neles (nos poemas, agora, absolutos), há parte de sonho, são pedaços bem alógicos, condicionados em embrulhos de vertigem, também. Que desconstroem leitores com ideia de compreensão frágil, mesmo sensação de descompreensão, de desfamiliarização (do que se lê), de desconhecimento mesmo. Sébastien Joachim diria de desorientação, de sideração, estupor verbal e desconforto ou confusão mental.

Jamais é objetivo de VCA – poeta dizer. Algo fácil para qualquer leitor. É como que um sonho tão pássaro seu poema, diria. Que mexe com os ossos occipitais do leitor. E com suas condições espirituais. Que se frágeis, faz-nas temer.

Ele elimina, não só disfarça, ilude e rechaça todo referente (e todo o referente). VCA não aceita referência em sua poesia. Tema, essas coisas e tais, não têm guarida. São dispensáveis, obrigado. De nada. Daí, ser impossível "compreender" (assimilar com a facilidade que outros poetas oferecem), em momento algum, um verso vitaliano. É uma linguagem complexa e ambiciosa (ou inexpugnável estado de devir). Uma poesia que potencializa o caos, retira, extrai o máximo de potencialidade do caos do(s) sentido(s). E consegue:

Ele (VCA) não diz nada e tudo. A cada leitura, se descobre um poeta, uma saída, um labirinto novo, um novelo de significação, uma tela ou trela de sentido incomum.

Nada fora da linguagem há. Tudo fica no poema (o assunto é o poema, poesia). O mundo (e sua ideia) é o do poeta, as coisas, os fatos, a gramática, a verdade e suas sintaxes, e ele – VCA – inventa. Tudo é falso, é ficto, é imaginário. Toda uma *imaginaria* (como se diz em alemão) se pressente e se apresenta na forja dos poemas. Cada vez mais de novo ele é novo. No fim, uma extensão universal de potencialidades semânticas jaz na página, como cartas na mesa de um jogo infinito. Sua poesia é uma potência de dizer. Há uma família de relações entre os poemas de seus vinte e tantos livros um estilhaçamento de palavras, redondas reuniões ou conjunções de verbos e assembleias

sintagmáticas ocorrendo e se espraiando nas páginas.

É uma poesia, resumiria, nuclear, alquímica *(Atanor)* e quântica *(A eternidade é inútil)*.

Ultimando essas primeiras, digo que VCA flerta com a bela incognoscibilidade, lama altamente frívola e descomunal. E flerta com suficiente ardor. Verossímil vital? Por fim, adapto o dito de Joyce: Se VCA presta para ser lido, a vida não presta para ser vivida. Pois ler VCA causa AVC.

Seguindo com os ses: se Vital menospreza a forma tradicional do poema é um fato... e viva Vital, que inova. O contingente é só acidental em VCA. Se seu poema inibe o sentido, este que se cuide. No mínimo, há meio sentido poesia dele. Embora ela trate do nada definitivo. A poesia diz o porquê dela. E só.

A questão do moderno, marca do século XX, vou tratar adiante. No Brasil, houve um recuo, após a geração de 30. Ficamos envergonhados de ser modernos. Não houve a necessária separação moderno versus anti ou pré-moderno.

O moderno, em literatura, no Brasil, não conseguiu status autônomo, não houve, então, proscrição natural, por separação, do parnasianismo, perdeu-se o sentido do tempo, viveu-se literariamente uma mescla de presente e passado, sem direito a futuro.

O parnasianismo nem é um clássico, no Brasil, mas é mais vivo e modelar, o que é absurdo, algo completamente anacrônico.

1.2. TRATADO VITAL

Especializei-me (horas de intervalo de aula e frios fins de semana de Heidelberg, nos últimos 15, 20 anos (a fio), em ler e defrontar, como se eu a escrevesse, a poesia de Vital Corrêa de Araújo (VCA).

Como fuzil disparando sintagmas, petardos (a torto e à direita, mais a torto) de palavras, como obus detonando o fólio, o imaginário em explosão, incêndio de imagens alastrando-se página abaixo, a poesia vitaliana (no rastro de S. Joachim e Admmauro Gommes confirmou isso) é severa. Inovadora. Amara. Posto que doçura ou delicadeza não a atraem. Nem ela despede. Ela (a poesia padrão VCA – como espetacularmente o erudito professor superior de literatura, Alberto Frederico Lins Caldas demonstrou, via horror) detesta o casto e a clareza. Ama o anômalo, a assimetria do sentido, a ambiguidade total. Daí ser, conformar, revestir uma poética de difícil digestão pelo leitor comum (e dispéptico ou sonetínico, para não dizer cínico e rimar) porque crua. Ou mesmo indigesta por natureza e (in)definição.

Cláusulas quase irrespiráveis de desordem, incisos ambivalentes, parágrafos sem ventre, gestos de licor ávido de bocas (in)diferentes, imagens enlouquecidas, posições féticas (nada fático), ânsias enfáticas desse não fático quase absoluto (porque a VCA os acontecimentos, como a Valéry, aborrecem); situações sintéticas nunca vistas antes, tudo induzido a nada brota desse verbo de barro. Eis, em síntese "concisa", a poética de VCA posta na bandeja da página. Assim, VCA resolve as inusitadas situações das palavras com que se defronta. E as salva do martírio da uniformidade e da sina unívoca, extraindo delas o espírito filológico e vivacidade histórica de que se revestem ou trazem em seu longo curso no rio dicionário do mundo humano.

Há, porém, uma resposta ou efeito no leitor paciente dessa conflagração da palavra enlouquecendo, que é a poesia de VCA.

Verazmente ambígua e exatamente condensada em forma de sintagmas necessários (e simultâneos), presa de uma cadeia de enumerações que o caos ordena é tal poesia. Uma como que quase volúpia brota dela. Dessa usina verbal, que demiurgo vital opera. É uma alteração da posição fética da alma e da soma. Uma espécie de dupla remissão orgânica e psíquica ocorre nela (nessa poesia desconstruindo-se e vitoriosamente edificada), percorre o circuito mortal da palavra

(desde suas fontes filológicas originais), como se ensaiasse sempre uma cerimônia de incineração do sentido. Como se não detivesse nenhum deus retórico ou prosaico. Como se o vivo dependesse do verbo encarniçado (ou novamente encarnado) na página.

1.3. CÂNTICO NOVO (NOVO CÂNTICO)

O poeta que, entre ocupações servis e cargos ou cangas da vida, mantém, ao longo do tempo, a poesia presente, revelando-se sensível e reativo perante os embates da vida, mesmo convertendo-os em lirismo sensual, amoroso às vezes filosófico, bem dá a medida do seu coração (entregue à fera voraz da vida).

Einstein afirmou que a experiência mais marcante do humano, ou a que mais importância detém, é o mistério.

E foi a experiência do mistério e a disponibilidade lírica que pontuaram a trajetória de Vital Corrêa de Araújo na vida (literária e física).

Apontaram o destino poético de Vital Corrêa de Araújo. Utilizo aqui o título do livro do Professor Sébastien Joachim sobre Vital.

Ele é detentor de uma poesia tocada pela revelação (lírica), como o comprova poemário, de 2011, Cântico novo. Ele empunha uma poesia tisnada pela epifania, pelo sentimento do sagrado percorrida.

O mistério é a segunda realidade (não algo meramente paralelo, mas autônomo), a que está por detrás da aparente, que é a realidade cotidiana, esta que monopoliza nossa atenção, ocupa nossos ossos e sentidos, nos envolve e submete com sua presença de superfície parcial com ares de totalizadora.

A realidade aparentemente invisível é a verdadeira, que excele por sua inapreensibilidade mecânica e simplória.

Ao poeta, o encargo, a missão de tornar legível essa condição da verdade, em sua face absoluta; a lide de interpretar e desvelar essa segunda verdadeira realidade, libertá-la dos véus do mistério que a vestem, torná-la visível, pela via da poesia.

Em VCA, a palavra poética carregada de tensão emotiva, dotada de alta voltagem conotativa (como preceitua Pound) é invocação, salmo, peroração, plegaria, nominação, chamamento, proclamação presentes em Cântico novo, de cabo a rabo. Nesse poemário, Vital toca o inefável, adentra o etéreo, realiza as potencialidades que dormem na palavra,

atualizando-as com notável força expressiva, capaz de não só deleitar, mas hipnotizar leitor.

O poeta busca o primeiro sonho (escava sua pegada, garimpa seu rosto), aquele em que o homem ainda não despertara da queda, encontrava-se nimbado dos ares do paraíso derrocado, em vias de ser terrestre e mortal.

Desde o livro-raiz *Título provisório (orlado por Burocracial)*, Vital toca o além-sonho e sente – trata – o barro de onde veio o sopro, de onde se ergue a alma do mundo.

De um sopro de barro veio o homem (jazida de Deus), e a posse desse alento ele transfere às coisas e molda o tempo humano.

É o Verbo de barro (título de um próximo livro de VCA) seu instrumento dúctil.

Mas é dos armazéns do inconsciente que vem a coletividade das imagens que povoam a poética vitaliana, conforme o demonstrou cabalmente Sébastien Joachim (*no livro O destino poético de Vital Corrêa de Araújo*, edições Bagaço/IMC).

E é nesses incontidos contêineres do id que Vital Corrêa de Araújo bateia seu poema, rede da imagem em riste, à tocaia do cardume imaginário.

É a dor, o desespero de ser que se flagra nesses poemas, cujo horizonte é próximo à esperança.

Vital procede com precisão escatológica, empreende vitais catábases, promove incursões no íntimo da Bíblia (de uma bíblia apocalíptica) na construção dessa estranha poesia, repleta de perorações e profecias a nosso tempo.

Todos os poemas de *Cântico novo* são perpassados de melancolia e pessimismo, são nostálgicos do paraíso perdido, sabem à sombra, à esterilidade, à divisão do humano, a um muro de angústia, alicerces vigorosos dessa poesia.

É um lirismo que contrai a alma, em que a Voz do Senhor jamais será ouvida (por ouvidos moucos), em que a face da morte ceifa espelhos. Àqueles a que se nega o rosto etéreo porque o fardo da culpa conspurca.

A Vital interessa a palavra não como instrumento de comunicação (como no jornalismo em que a técnica e eficácia da mensagem são cruciais), mas como palavra que ele contempla e integra em sua nudez originária.

Cada palavra – átomo da frase poética, do verso – nunca é indiferente a ele, ou utilizada como meio para fins extrapoéticos, não é automatizada, como na prosa; seu metro nunca é mecânico, ditado por uma exigência do ritmo exterior (que O. Paz critica), visível, medido; sua rima é ímpar, impoluta, quase ébria – nunca rípio.

Não interessa à poesia de Vital Corrêa de Araújo só a referência, a coisa nomeada, a empresa da razão, o desiderato do significado, mas a forma literária, no conúbio branco da página.

A linguagem se automatiza porque a relação signo-realidade se torna habitual – e trai o candidato a poeta (é o que aplico em meus cursos de recepção da poesia moderna). A poesia de Vital foge dessa armadilha, que embosca mesmo os ditos ou autoditos grandes poetas.

Em VCA, a obstinada busca do essencial significante é o dínamo que alimenta sua palavra poética (no mesmo patamar da palavra religiosa, neste Cântico novo).

É o motor que o move em direção do absoluto realizado pela palavra poética, via Novalis (uma de suas mais angustiadas influências).

Na poesia de Vital, a informação está diluída (ou ao contrário integrada) no conhecimento que a palavra poética carrega como lastro ou contrapeso residual, pois o peso-mor, a carga expressiva é reflexo do jogo lúdico da linguagem, na sua busca do irremediavelmente humano, finalidade da poesia.

Como Terêncio diria a propósito da poesia de VCA: nada do que seja humano a ela é alheia.

VCA acumulou conhecimento poético e sensibilidade no continuado envolvimento com o significante (forma de que provém a poesia, forma

que a instaura, de que ela se constrói) na longa vivência com Perse, Pound, Eliot, Montale, Séferis, Juan Ramón, Bandeira, Guillén, CDA, Cabral, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Cioran, Vicente Aleixandre, Rimbaud, Valéry, Mallarmé, Baudelaire e tantos. Toda essa carga de experiência acumulada concentrou na poesia e produziu mais de 30 livros já publicados que excelem, demonstram ímpeto de uma poética forte, madura, absolutamente lírica, de um lirismo de crótalo, mesmo ferino, mas vivo e presente – como estigma e ímpeto – na paisagem da alma humana, como o nosso cardeiro.

1.4. A POESIA DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

VCA copia Celan, para quem a obscuridade, o hermetismo sem freios, a obsessão pelo indizível, o cultivo do silêncio como significante são imprescindíveis à poesia. Que é descrição interior. Ou deserção do emotivo banal.

Daí o crivo de matadouro da poesia vitalina.

Nele, a discursividade é espécie literária extinta.

O discurso é eviscerado em postas de sentenças.

É também um mineiro que bateia na página gemas de palavras. E apura-se em vastas escavações de filões de arquétipos. Que arranca da alma. Ele nunca estereotipa.

Nele, flagra-se um trabalho infatigável de desconstrução vital. (E viril como clavícula).

E defronta-se uma realidade insignificante porque dotada de aparentes significados. De significâncias ínsitas. Ou insignificâncias primes.

É prenhe sua construção poética, a estrutura e o alicerce de seu poema, de instabilidade de significados. Sua eclusa verbal compõe o sentido hermeticamente fechado. A vedação de sentido é radical. E do sentimento também.

VCA opera no sentido de verificar a pressão dos dias comerciais danificando o poético. A pesar as coisas e os seres, abrir e dissecar o estado do mundo.

Fazer refulgir e refluir, refletir e refratar o desejo e seus objetos.

Do jogo de espelhos da palavra, Vital colhe fragmentos (que ele apoda de íntegros).

Em suma, sua poesia (como o Sr. Sébastien Joachim bem caracterizou, em seu esplêndido ensaio sobre VCA) ainda não está arquitetada.

Pois é nova, recém plantada e colhida.

E lavoura do verbo nova. Messe ainda azul.

A morte precoce ou longa da poesia é o que Vital defronta, encara, resolve.

Para ele, à tese de 1922 sobrepôs-se a antítese de 1945, e a síntese está por vir.

Na poesia de Vital Corrêa de Araújo o ponto alto é a histeria do progresso (econômico e moral). Histeria que vivemos escandalosamente parvos, inutilmente inocentes. Ingênuos como sempre.

Por que a práxis poética à análise dialética? Porque para VCA a modernidade poética brasileira (que teve seu apogeu em 1930) se exauriu a partir de 1945.

Não queira isso dizer que não dispõe a Geração de uma plêiade excelsa de grandes poetas. Apenas que 1945 tomou outro caminho menos íngreme, desrumou. Apocalipsificou-se em estratos. Numa certa acomodação.

Paz neoparnasiana. Mares devotos, sem ondas surpresas, navegar. Fora do alcance feroz do mar picado e tsunaminoso de Bandeira, Cabral, Cardozo, Murilo Mendes, CDA (muito ousados e ilimitados).

1.5. HERMETISMO VITAL

Na fruição da obra poética há um óbice considerável constituído pela atuação de uma força que leva a percepção atual do presumido leitor ao passado, ou seja, a uma situação de imobilismo (que se confunde com tradição, cuja permanência autoritária afeta o futuro estético).

Os modelos não são atualizados em face da força da inércia que paralisa a forma e vulgariza o conteúdo da obra: a estatura diacrônica é pigmenizada pela corrosiva ação sincrônica.

A arte é tida como algo já concluído, estabelecido no passado, e o presente de toda arte é supérfluo. Qualquer inovação equivale a desvalorizar o passado, profaná-lo, e atentar contra o que já foi alcançado – e está consolidado em arte. Para os arraigados cultores do passadismo poético, a arte do presente é estranha. Algo eteízada. Pararreal.

Outro critério dualista (quase mesmo maniqueísta) é o que empluma o prédio clareza versus obscuridade (que são conceitos relativos, pois só se é claro ou obscuro, para alguém, para um público determinado por suas competências literárias) e em si, mas percepções, fatos psicológicos, deduções. Não são ações, são efeitos.

A obscuridade que chancela a arte moderna (poesia, pintura, música, cinema e o romance experimental – musical, Joyce, Alberto Lins Caldas, Guimarães Rosa, Osman Lins), por largo tempo, não dizia respeito ao mérito da obra mas concernia ao julgamento negativo do público, viciado em consumo fácil, e da crítica dita acadêmica, apta a consenso raquítico.

Os poetas modernos não mais se comunicam com a maior parte da classe geral dos fazedores de verso.

A obscuridade resulta de uma comunicação interrompida. Ou inapropriada. Com o passado. Mas não é algo ainda suspenso no passado.

Essa abordagem tem como alvo o trabalho poético de Vital Corrêa de Araújo.

A VCA, como poeta, aplicar-se-iam facilmente as epígrafes.

"Há certa glória eu não ser (bem) compreendido", dispara Baudelaire.

Fazer poesia, para G. Benn, equivale a elevar as coisas à linguagem do incompreensível. "Poeta ambíguo entre coisas duplamente agudas, aspeleja isto ou elabora entre tudo aquilo que luta pelo presente com a completa perspectiva do futuro". S. J. Perse.

"Ninguém escreveria versos se o problema da

poesia fosse fazer-se entender, fosse ser compreensiva amiga", diz Montale

Porque na poesia moderna há algo que força a linguagem poética num sentido que se distancia do âmbito da comunicação social normal, a pecha hermética é aplicada (e somente pelos ingênuos leitores).

1.6. POETA HERMÉTICO, E DAÍ?

Há décadas persigo a trajetória de Vital Corrêa de Araújo, em especial, no rastro dos livros *Só às Paredes Confesso e Palpo a Quimera e o Tremor*, além de parte de *Simulacro* seguido de *Escuras*, cujos originais pertencem ao Professor Sébastien Joachim. Também compulso *Atanor* e *O Sal contempla o Atlântico*, além deste e de *Estou*.

Há um veio profundo que leva ao hermetismo estético da poesia de VCA. De extração italiana e grega (greco-romana?).

Ungaretti, Montale e Quasímodo. A tríade que Vital sequestrou. (Foi exatamente isso e mais o mergulho dele em Pound, Michaux, Séferis, Elithis, Eliot, Aleixandre, Guillén que me provocaram a aproximação desse poeta, para mim – bem como para Joachim e César Leal – ímpar).

O bendito hermetismo italiano do século XX tem raízes francesas: Rimbaud, Mallarmé, Valéry, outra tríade de que Vital se abebera sempre.

Ao esgotamento das fontes e ao enfraquecimento das correntes do fim do século XIX deveram-se o ímpeto e a força da poesia hermética (na França, chamada pura, surrealismo etc.).

Os apodos: fútil, gratuita, anti-humana, diletante e incapaz de expressão choveram sobre ela. Relação oculta, mistificação da palavra. Em síntese – e é o que interessa – todos os grandes poetas italianos do século XX foram herméticos. E Vital bebeu-os até a exaustão de todos os sentidos. São poetas que assustam a face do universo. Criam a categoria do assombro, de que fala o expoente da crítica pós-moderna, que é Sébastien Joachim.

Como Ungaretti, VCA expulsa do poema todos os resíduos não poéticos, todas as vírgulas e conectivos inúteis, todos os nexos sintáticos desnecessários, e o texto resultante – como inacabado ou aparentemente incompleto – mostra "defeito" lógico pois falta o ar das palavras (asma discursiva), e... a revelação oculta, o fragmentário torna a expressão difícil (e a incompreensão aguilhoa o pobre leitor).

O "M'illumino d'immenso", de Ungaretti, ante o mar e o céu, é paradigma.

O hermetismo poético de Montale difere do de Ungaretti (eliminação de todos os restos e resíduos da não poesia). Nele, a poesia deve ser deliberadamente impura, eivada de coloquialismo, mesclada de elementos não-poéticos. Mas tão hermeticamente expressa como que o poeta se desesperasse fatalisticamente de ser compreendido. Ou como se dissesse: faço poesia para entender-me, não para ser entendido. Osso de sépia é o Waste land italiano. O que Valéry foi para Ungaretti, é para Montale a influência incontestável de T.S. Eliot, ensina Carpeaux.

A atitude poética de Eugenio Montale (prêmio Nobel) é a contemplação violenta do mundo para verificar que ele existe (chegar à sua verdade).

A poesia de Salvatore Quasímodo (também Nobel) é a mais hermética e a mais exuberante, a mais irreveladora e a mais sublime de todas. Oboé submerso, que adeja o dia. Ou É e súbito será.

Mas é o poeta da noite porosa e penetrável (que S. Joachim descobre em Vital) que molda a poesia vitalina, objeto punçante do inconsciente leitor. Como em *Gravitação* e *Força Inocente*, que li, via Vital. Supervielle, Jules.

Sébastien Joachim, no livro *O Destino Poético de Vital Corrêa de Araújo* (edições Bagaço/Instituto Maximiano Campos – 2009) promove um estudo

amplo e preciso dessa poderosa poética, que César Leal, através de três textos (duas resenhas e uma abordagem quanto ao hermetismo vital) decreta ser quem melhor domina o verso livre na atualidade.

Acredito que o poemário Atanor, seja o livro de poema por excelência, mas estes dois, Ora pro nobis scania vabis e Estou, bem como Crepúsculo do pênis, Verbo de barro, Mônadas, Confissões e Borges e Eugénio, superam os anteriores. O que não é de admirar, pois a obra de Vital é de valor crescente, desde Título Provisório.

1.7. POESIA ABSOLUTA (4)

Toda a força lírica concentrada no lombo do século XX, as fases (escolas, estilos, modos, características) por que passou a poesia, num amplo espectro de ismos que vai do expressionismo, futurismo até a vária extensão do surrealismo, preparam o terreno para irrupção (ou mesmo erupção) da forma sincrética que é o necessário coroamento dialético de todo esse dinâmico e revolucionário processo de edificação final da poesia.

CARMA E ESGOTO

Todo o carma foi esgotado, todas as formas foram provadas, todo o espectro foi saboreado, todo o potencial foi atualizado, num ir e vir evolutivo e comprimido em meros anos.

Daí estarem postas, estabelecidas, determinadas as condições objetivas e subjetivas para eclosão da Poesia dita Absoluta.

1.8. POESIA ABSOLUTA (5)

Fazer um poema soa muito mecânico. As pessoas costumam dizer: faço poemas, a três por quatro. Ao poeta como criador foi sobreposto o poeta como compositor.

Isto é, o poeta não faz, não cria, mas compõe o poema. Goethe odiava a ideia do adjetivo composição aplicada à poesia e resmungava contra o substantivo composição, que Valéry considerava como ideal. Mas compor ficava meio vago, por sua essencial anfibologia. Então chegou à cena crítica o substantivo construção suscetível de uma única determinação. E ficou. Na arte e na literatura. Tal como sistema e estrutura, construção é vip (vera e importante palavra). O construtor é um criador livre formal simultaneamente. Eis a tríade

construtivista da poesia mundial: Poe, Valéry e Cabral. Para eles o poema é cálculo e acaso. Imolam o objetivo, mas são precisos. O referente supera, mas são fiéis a uma realidade íntima mas pública.

A criação vem de Deus, a construção vai ao Nada. Como novo Arquimedes, o poeta construtivista só precisa de uma palavra de partida para alavancar o poema. De um cálculo subjetivo, de um ponto de vista pessoal – e exato destituído da emoção que é algo do ego. Para o poeta construir seu poema (fazer mover a composição, como Cabral) é vital um plano ou projeto. Daí que Poe se dizia engenheiro literário. Deus abolido como criador do poema, a inspiração foi ao ralo, o mistério e a espontaneidade idem.

E se vai célere na direção da Poesia Absoluta, além dos ídolos da geometria e dos cálculos exatos do acaso, das plenitudes do verbo, da nova construção da poesia desgarrada dos vícios das vanguardas, muito além da *poésie pure* – e, ao lado dela, está o absoluto da poesia. O que faz a poesia absoluta e lhe imprime dianteira em relação à arquitetura, v.g., é o fato da poesia destituir-se de fins práticos. A práxis da poesia é ela mesma.

A poesia pura prolifera. Assim como a pintura. A arquitetura recuou frente à exigência capitalista da praticidade. A construção arquitetônica pós-moderna foi ao limite já. Pois fantasia demais e demais criação subjetiva afeta os

índices bursáteis. Torna-se impraticável. Porque invendível.

O poeta absoluto entrega-se de corpo, sal, sêmen e alma à fantasia. Renuncia a objetivos e ao real (não absoluto, banal, comum). Sai do campo do dever ser para o do ser. A poesia absoluta é. Não significa.

1.9. AVÍNCULO VITAL

É visível na poesia que VCA usa em seu poema que o vínculo sintático é desprezível em benefício do verso. Que ele escreve, grafa a palavra como lhe doa, sem obediência a regras bastas, clássicas, rígidas: v.g. neoposmoderno (onde os hífens?). Já o sentido do poema, esse coitado, foi pro beleleu há muito. Nem se comenta. Se a poesia é inútil, VCA a faz menos útil ainda. Nisso segue, Leminsky: inutensílio. Então, norma, nexos, genitivos, acecipesvérbicos, conectivos turbos, tudo é plausível, mas dispensável. VCA, em lugar de elos sintáticos, utiliza nexos imagéticos. Com clareza imperturbável.

Na realidade, a poesia de VCA não é para seres inteligentes racionais (ou seres racionais inteligentes). Pois há diferencial largo entre inteligência e racionalidade.

Citando um dos maiores poetas brasileiros (e ensaísta insuperável, embora o Brasil não saiba), José Paulo Paes, em excertos traduzidos ao alemão (a que tive acesso em Heidelberg), adito: "A inteligência intuitiva ou empática (não lógica ou racional) do leitor é capaz de descobrir uma ordem significativa no fluxo de imagens ilógicas, como as imagens oníricas". É o que ocorre no caso da leitura vital.

Acresço que Breton assinalava: "A imagem é algo provido, não de uma comparação, mas de uma aproximação de duas realidades mais ou menos afastadas".

1.10. O POETA V

Alguns teimam em entender ou não o fazem por razões escusas – que se apodam de despeito, inveja – que a poesia de VCA conjuga sensibilidade e inteligência. Um notável conhecimento do potencial da língua e sua atualização objetiva no colo de um lirismo meio absoluto. Uma funda dialética rege sua visão (de VCA) política do mundo, do homem, da sociedade, postada ante o texto que a desvela, encarnada na palavra que dita essa (sua) visão.

Há em Vital Corrêa de Araújo uma profunda e vital autoconsciência da vida (da vida do ser, não dos seus ornatos e decorações) humana. A propósito, VCA sempre enfatizou o dito de Terêncio (que ele trouxe de Marx): nada do que seja humano é estranho.

Somente através da poesia, ele dispôs de condições de materializar – em poemas quase sublimes – todo o lençol dessa consciência crua e ampla.

Ele assumiu a consciência infeliz, sindada do homem na visão hegeliana e a contrapôs à consciência do ser temporal, com substância no homem atual, de forma que tornou possível uma visão humanizadora dos objetos culturais ou não, que sua poesia expressa.

Ele bebeu essa força do imaginário sem precedentes no profundo conhecimento que detém, desde 1980, do expressionismo poético alemão, conforme o seu ensaio sobre o tema.

A poesia de VCA é única. É como se fosse uma vertigem viva. Um dínamo verbal vivo. É algo quase apocalíptico. Uma sucessão mui pouco finita de imagem em catadupa. Uma cascata de visões do mundo traduzidas em palavras que as refletem vivamente e as realizam.

Seus livros de poemas no prelo: *A eternidade é inútil*, *Boceta de Pandora*, *Ápeiron* e outros de VCA,

bem representam o edifício de suas visões da práxis humana. São empresas da sinceridade e do assombro. Enfatizo: a sinceridade erótica em Vital é surpreendente.

1.11. POÉTICA E EMPIRIA

Na escritura poética de Vital é preciso renunciar a toda aborrecida montra teórica academicamente disponibilizada (criadora de críticos mecânicos) e voltar-se ao sentido primal da palavra poética, como tecido aleatório e propositado, causal e acasional, dialético, de palavras libertando-se de suas fantasias terrenas e fantasmas, de suas servidões senhoris e apresamentos dicionários. Considerando o texto como o que as palavras disseram, deixaram de dizer e dirão, simultânea e sucessivamente (como uma mó que gira e gera-se mas renova o pó).

Texto que alude, repete, copia o inédito, plagia-se, tapete de uma penélope incrédula porém persistente, que nunca se destrói mas transmuda-se sempre, meada a que nenhuma ariadne renuncia, cujo sentido é uma encruzilhada de textamentos de palavras (legados do mundo verbal, rico, pródigo, universal), um entrecruzar de destinos verbais vivos, limites urdindo seus próprios desvãos e

condições de suas ultrapassagens, das superações (inerciais ou não) dos sentidos, constituídos de uma trama líquida de veias comunicantes, vasos de luz regando coração escuro, gotas de sangue pulsando como abelhas numa colmeia de assombros, que é o texto poético (nada "poético") de VCA.

Em suma, soma de adjetivos desordenados (violentando sentidos) cavalgando substantivos selvagens, monte de similitudes forçadas, prisão de verbos vulgares condenados ao descrédito e à liberdade.

Em VCA, a imagem é o corpo da poesia, a metáfora, sua alma.

É como ele disse num dístico: "O vinho da palavra chama-se metáfora/ sua embriaguez poesia".

Enfim, a questão vital é distinguir em sua escritura metáfora e metonímia.

Busco arrego em Jakobson: Assim, num estudo sobre a estrutura dos sonhos, a questão decisiva é saber se os símbolos e as sequências temporais utilizados estão baseados na contiguidade (deslocamento metonímico e condensação sinedóquica freudianos) ou na similaridade (identificação e simbolismos freudianos).

A verdade final é que Vital está sempre recém-inventando sentidos, cada vez mais novos, cada vez mais vivos.

1.12. SOBREVITAL

Acompanho a poesia de Vital Corrêa de Araújo há mais de vinte anos (desde 2010, também, a de Rogério Generoso - e seu monumental *Noumenon*), e sempre tenho (anotado e discutido comigo mesmo, alguma vez com Odisseus Morales, quando estou em NY) algo a dizer, registrar a respeito da poética vitaliana (que o S. Joachim tão luminarmente expôs em pratos limpos exegéticos), sobre esse dilúvio de palavras concatenadas com o id do mundo.

Victor Carres escreveu sobre VCA em 1985/86 algo que me despertou.

Vital é um minerador de fractais. Com sua pá caótica, espéculo viril, marreta verbal, sulca a página de cima a baixo, escava o verbo subterrâneo, cambriano, límpido porque natural e autêntico; porque vai ao veio original com sua lente e seu cadinho. É um faiscador de pérola ainda por vir do útero marinho da lauda, um escavador de cristais de palavras escondidas no ventre mineralógico da alma (como o fazia seu mestre Saint-John Perse).

As paisagens ilógicas (mas não as paisagens psicóticas de Deus), em VCA, seus sonhos mortais (com o rosto do avô), sua visão estrita da morte, tudo desemboca num estuário poético, numa alameda que uiva, num boulevard sonâmbulo, numa poesia cortante, laminar (e especular). Um

novo Dali em palavras, como já o fora Herval, cuja angústia o surrealismo expia, de cuja ansiedade Vital vive.

O que de Magritte e Mondrian há em Vital é público (embora impuro).

Suas entranhas e desconjuntadas justaposições de palavras são marca registrada.

Por ele, ficamos sabendo que o mundo é mais louco do que pensávamos.

Outra vertente da poética vitaliana é a oniria. Conforme ele me confessou (mesmo a mim que não sou parede, mas muro amigo e admirado), os sonhos são uma companhia constante, embora curta a amizade povoada de insônia. O onírico é seu manto.

Certos poemas (e temas) de VCA viraram um hábito psicanalítico da mente que precisa assim se expressar. E os sonhos são uma forma de expressão como o é a poesia. (vide Lacan). Ou o pai Freud: "Os sonhos são um tipo de poesia involuntária, assim como a poesia é um tipo de sonho involuntário".

Ao seu pasmo inconsciente, VCA sacrifica e ora (chora e ri).

Ou, quem sabe, essa poesia é produto de um trauma verbal profundo (e profuso)?

E trauma em alemão é sonho.

A única verdade é que a eternidade vive dos sonhos do homem e só haverá o eterno enquanto o homem for provisório.

A poesia de VCA deve ser lida como uma partitura de sonho ou lauda de pesadelos, pois é de uma estranheza entranhamente familiar (como o rosto-real-das máscaras nos faz sonhar).

E faz algo em nosso id despertar, desatar chispas de lembranças, acicatar-se, atiçar reservas mais íntimas de possessões e estremecimentos existenciais, acordar visões retrospectivas numa prospecção de velhos paraísos que as palavras encobriam (ou de paranoias que se nutrem da mente).

Ler Vital é como esmagar fagulhas com magnólias, sufocar azaleias, abrir sepulturas oníricas com a pá das imagens que sua poesia libera, expor o íntimo do mundo a nossa vil especulação. Em VCA:

A realidade não é o que parece

a qualquer instante, em algum lugar

um alçapão se abrirá

(sem aviso sua boca escancarará)

e nos fará despencar

no poço de nosso inconsciente

(e ou escapar dele).

Quando o leio, vejo:

A luz do cânhamo alongar os olhos

as pupilas da beladona dilatarem-se como jabuticabas

os olhos hipnóticos das papoulas

apontarem o infinito

a íris visionário da flor do vício

do laudano parecerem gregas azeitonas

e o ópio, pajem da seiva gótica

e do idílio, olhar-se nos olhos a voragem.

Do absinto, da gárrula do seu gargalho

gargalhadas de Baudelaire espalham-se

abrindo espaços secos na palavra.

Na primeira manhã de Ur Abraão acordou pássaros

com caviar (não alecrim) pois

o estoque de maná Deus esgotou.

Eram aves vistosas da velha Suméria e ocas.

Por sobre o ombro Abraão

vislumbrou a criação
viu todo o porvir
e os primeiros cristãos
arrebentarem da safra de preces.

Era a civilização da cruz
(e o tempo do martírio)
de que ele iria começar a cavar
o alicerce básico e a mortalha larga
a cova mais rasa e o abismo
aonde levar o coração humano.

1.13. A POÉTICA DE FRAGMENTOS DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

O poeta mergulha na bateia de imagens da verdade incompreendida, do sentido perdido das palavras banalizadas, alienadas e coonestadas pela empresa da usura verbal, pela busca do material prazer: não da verdade que jaz passiva, ao pé do homem ajoelhada como uma carola qualquer, mas daquela que nem o traço nem a tinta realçam (porque o desenho é impotente para domá-la).

VCA empreende sua peregrinação verbal, solitária e quase demoníaca (ou neoerótica?) com o objeto de apreender (e ocupar secularmente) o vasto campo que a filosofia, a narração, o ábaco poético não abrangem (nem o podem mais fazê-lo pós-Vital).

Para isso, abole ou despreza ou exila o sentido finito (e mortal ou passageiro) das coisas (e palavras, conforme Foucault).

Qualquer determinismo ou prévio cálculo poético Vital isola. Para ele, não há sentido no finito, ou finito sentido.

Ao tatear com a bateia da linguagem uma significação infinita, visionária, utópica, rebelde, indômita até, ele sacrifica a sinceridade a tudo o que ao pé da letra frutifique.

Safra para ele só da messe da palavra que azar não abula.

Com esse fito, VCA embarca na empresa de utilizar, como estratégia, o fragmento (uma forma em si mesma limitada) para penetrar e abraçar o infinito ambiente da palavra.

A interpretação (se houver) deve ser mais cognitiva que afetiva. O transporte que na leitura de Vital opera é do inefável, nunca do efetível. O arrepio (sem rípios) é o do milagre da linguagem. O compadecimento é do texto, não do espírito.

É um caso de engajamento com a palavra, de responsabilização dos sintagmas, de objeção do sujeito, via signo-coisa (Rilke), de compromisso só com a verdade poética; toda uma estrutura e todo um ritmo voltados exclusivamente ao conhecimento do poema. Ser e conhecer especialíssimos, excepcionais.

Em Vital, inusitadas combinações de palavras, em máximo grau inesperado (e impossíveis de ser senão no acontecimento poético vital) contribuem para uma (ou vária) ruptura da linearidade da linguagem, apanágio da prosa clássica e da poesia gramatical e logicamente corretas. Ou seja, em Vital, a cansada lógica gramatical não tem voz.

A precisão da ambiguidade do discurso poético é magnífica, atenta, bisturítica, vital para a empreitada poética vitaliana, na busca de uma forma *sui generis* de linguagens significantes.

"Minha horta de paradoxos cultivo com apreço / safra de oxímoros com perspicácia colho/ amoedo e encilho os fardos da linguagem/ gramáticas estupro, violo dicionário/ silos de símiles, fé de epítetos devotos atiço / acirro o câncer da metáfora para que esta cresça/ mais que a saúde sintática dos leitores / minas de metonímias detono, apuro/ os afetos do bombardeio da página / com a bazuca dos sintagmas/ rebeldes como a palavra poética". Esse fragmento de um poema de 2001 (a

que tive especial acesso) bem diz da bendita forma deste poeta.

O ambíguo, o assimétrico, o indefinido são parte essencial desse harmonioso cultivo, dessa cultura poética fora de série, desse hermetismo consequente que puristas intoxicados de passadismo reclamam (e leitores incompetentes desprezam, jogando o bebê com a água do banho fora).

O tudo muito claro é insípido. O tudo bem digerido, pronto, é quase excrescência que o secreto obsta. Trata-se de uma poética de antíteses. Poesia a que causa emoção coivaras vivas, nuas, lenhos cremados, cinzas de cruzes, embotado gume (que não facilita o corte ou a vista).

É um caso em que a sabedoria poética (e não técnica) procura abranger o assistemático, penetrar todas as áreas da vida, encontrar o limo de si mesma, reabilitar o espírito, exprimir em palavras o sal da ressureição. A ambiguidade do discurso desacredita o estabelecido.

A arte já não satisfaz o espírito, diz Baudelaire. Não que a forma de arte nada mais tenha a dizer, mas que esbanjou seus recursos em assuntos que tendem a embotar-lhe o gume. Gerações entoaram hinos à beleza do bem. Baudelaire pelo contrário devotou-se a garimpar belezas no corrupto e no mal. A essas sendas seus pés se dedicaram.

Vital de certo modo é fiel a esse caminho. Ele que sacrifica à tríade vital da moderna poesia: Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud.

Além dessa medida da escrita de VCA, retorno ao título e renovo a questão do fragmento enquanto forma, na poesia de Vital, aplicando Schlegel: como uma pequena obra de arte, o fragmento deve ser totalmente pleno, autônomo, separado do entorno (poemas do livro em que se materializa).

O fragmento deve conter agudeza (witz) de tal modo que fira os olhos do leitor, como um ouriço escrito.

O fragmento designa o enunciado que não almeja a exaustividade e corresponde à ideia moderna de que o inacabado pode e deve ser publicado (ou ainda reforça a ideia de que o publicado nunca está acabado). A poesia de Vital é mais espírito do que letra. Muito.

1.14. VITAL QUALIDADE SÔNICA

Há no verso de VCA o que chamamos de qualidade sônica, crótalo de aliterações, nós de sino, música consonantal.

Boileau dizia que o verso perfeito não pode

agradar o espírito quando ofende o ouvido (que detesta ruídos sem sentido e tons de metrônomo), o que reverbera em Verlaine: "De la musique avant toute la chose". Na poesia, "a música antes de mais nada" (ou antes de tudo ou de qualquer coisa).

Portanto, a palavra possui, além de seu conteúdo semântico, um fundo sônico (face conceitual e sonora, como boa moeda de palavra). Não somente é signo verbal, retrato de uma qualidade, móvel de uma ação mas também fonema (hesitação entre som e sentido, conforme Valéry).

Cemitério marinho de Valéry é um dos melhores exemplos do verso característico do poeta de Charmes, em que o som é quase mais importante que o sentido.

Em Vital, flagra-se uma utilização igualmente audaciosa de aliteração e assonância que imprime sentido (fônico e não meramente semântico) ao verso.

A musicalidade poemática (sentido e melodia da palavra), em VCA, é escandalosa, o próprio César Leal flagrou-a num ensaio a respeito.

PS. A musicalidade na poesia é um legado vital do simbolismo. Foi movido por esse desiderato de alcançar fluidez musical (verbal, ímpar) que a poesia simbolista se recusou a submeter-se passivamente a obrigações métricas eternas, autoritariamente impostas, a convenções rígidas. É o que Moréas classificou de quebra das cadeias cruéis da versificação.

Então, o simbolismo foi a manifestação do desejo pelos poetas de recuperar da música o que realmente lhes pertencia.

1.15. A PROPÓSITO DE AVE SÓLIDA

As imagens persianas, belas e sensíveis, são irreais, visam à destruição do mundo real, como se pretendessem substituí-lo do zero, contestá-lo de dentro.

Perse as irrealiza pela associação de coisas inconciliáveis, afirma Hugo Friedrich, alcançando uma espécie de irrealidade sensível.

Alguns sintagmas persianos vivem da contradição dialética que neles se instala, resultando numa síntese significante em que o sentido situa-se num outro patamar, mais elevado do que a altura, o espírito ou mesmo a carne inocente das palavras que os compõem.

Isso porque as realidades oferecidas aos homens pelos sentidos (físicos), pelas utopias (gastas), pela ideologia (patrulha), pelas crenças (inacreditáveis), pelas verdades (autoritárias, imperativas, absolutas), pela política clamorosa e falsificada de agora, pelos ídolos amontoados no coração acrítico (dos leitores), pelo simulacro escuro, pelo império da usura, pela pressão econômica (e psicológica) do ambiente competitivo ou mesmo pela luta pela vida, são insuficientes.

São realidades impostas (goela abaixo alma a dentro) pela vida prática (subornável), práxis

ideológicas técnicas, científicas (não artísticas), mesmo alienadas ou instrumentais, mais corporais que espirituais, realidades essas que se encarniçam para mover o mundo e o homem, como se este fosse uma carga e aquele um barco bêbado ou sonâmbulo. (Ou vice-versa).

Para Hofmannsthal, conforme observa Friedrich, em poetas como Mallarmé, Valéry, Saint-John Perse (poetas criativos) imagens costuradas fora do tecido (arabesco bárbaro, bordados agônicos, trama pútrida) da realidade aparente são fundamentais, cuja consistência é mais linguística do que física ou psicológica, portanto independentes do mundo do nós, isto é, referencialmente impróprias.

Apenas a linguagem fala no poema, e o leitor vital deve ouvir (sonante moeda da palavra, alto e bom) a linguagem nestes livros absolutos.

A insondabilidade do conteúdo é vital e patente também, a significância do poema deve ser "in" (nada), sob pena de não sê-lo (poema).

No fim do segundo rio, o poeta deve se banhar e gritar: conteúdo em segundo lugar.

Coitado do sentido!

A ambiguidade é a atmosfera onde melhor se desenvolve a poesia moderna.

A estanque compreensibilidade sua meta.

Eles (os poetas criativos do século 20). Nelas (nessas águas de signos) banham-se duas ou mais vezes na vida e se (e as) renovam; eles imergem na linguagem, fazem dela melodias, ouvem-na detida e caosmente... e isto é a maneira latina (moderna) de aproximação ao inconsciente, o que não ocorre na autodissipação meio sonhadora do espírito germânico, mas sim misturando objetos, rompendo ordenações, na empresa do sintagma artístico, assim extraindo poesia dos arquétipos, trazendo o poeta a um autoencantamento obscuro e potente, através da magia das palavras e dos ritmos primais (como o tambor primitivo de Eliot, poesia que os primeiros homens fizeram soar claro no escuro).

Estas considerações são luvas (de peliça ou pelúcia) aplicadas aos livros Lance de búzios sempre abole o acaso, Visível invisível e Vazio azul, que Vital Corrêa de Araújo reúne em Ave Sólida.

ADENDO

Como em Rimbaud, as imagens de Perse revestem-se de sensibilidade soberba, todavia deixam de pertencer a qualquer realidade (por mais comezinha que seja ou grandiloquente), a exemplo dos fragmentos poéticos extraídos da obra de Saint-John Perse – Prêmio Nobel como poeta, tradução de Cláudio Veras.

"A negra lá dos ciclones / da esponja verde de uma árvore / o céu suga seu sumo violeta / o mar das convulsões da medusa / um homem que contempla um cão / contempla o céu intestino / e lança sua mandíbula eleata / à ultima estrela hiante no abismo do cosmo / deltas morosos em que a espessura / dos navios pousa / antes da magna viagem / ao oriente da morte, / último horizonte dos olhos".

Acresço a essa interpolação destinada ao livro *Ave sólida:* "O mar dorme sobre túmulos", de Valéry. "O corpo da montanha hesita em meu jardim", de J. Supervielle (em quem Sébastien Joachim buscou parâmetro a Vital). "Uma camisa branca de estrelas queima os ombros que a levam", de G. Trakl, e um inédito de VCA:

Ancoradoiros

"Ancoradoiros peitos de príncipes
acampados nos cais de elogios, palavras cruas
e sais ociosos (e menstruais)
que a devota manhã asperge religiosamente
sobre a lúbrica sombra dos homens" (VCA)

e mais:

"O poema é um dar-se
de ombros abandonados
que do lado de lá
do umbral da palavra
arde como um círio indefeso". (VCA)

"Ponderadamente ouvem-se
do lado de cá da página
sons sonâmbulos
grito sânscritos
águas húngaras
silêncio célere:
é a poesia andando". (VCA)

"Poesia
ambiente hermético
palavra fechada
verbo aberto
onde o Deus do homem exercita
sua música estranha". (VCA)

Lavai a mancha do olho honesto
do benemérito, do adepto lavai os pés
lavai a história dos povos, conquistas e fossos
os grandes anais, as crônicas, os ventres
lavai as tábuas da memória, suas fendas
lavai do coração do homem as mais belas palavras.

Saint-John Perse

(Pois o conquistador não se deixa mais
levar pelo vinho e pelo pranto dos heróis).

Saint-Jonh Perso

Ir à loucura das palavras
chegar a seu convulso sentido
beirar o delírio do verbo
roçar o silêncio da página
onde a poesia lavra
tocar o imo (que a essência canta).

Cláudio Veras

1.16. O POETA VITAL

Vital Corrêa de Araújo é um poeta de leitores infiéis que rompeu com as normas vigentes da poesia de 1980 a diante e não mais se encontrou com os poetas da época. Até hoje a distância aumenta. Exemplo: *Crepúsculo do pênis:* capa, tema, poema.

Botando à estampa em menos de um mísero ano obras como *Ave sólida*, *Ora pro nobis scania vabis*, *Bando de mônadas e Crepúsculo*, VCA bota banca. Não diz para o que veio porque não veio para dizer. Nada. De sua poesia ecoa o vazio. É mestre na inconsequência das palavras. Não tem pena do verbo. Para ele, o verbo não tem peia.

Singularizado por livros recentes como *Só às paredes confesso* (em 2ª edição pelas Edições Bagaço) e *Palpo a quimera e o tremor*, VCA, desde sempre está a escrever um mesmo livro, até *Crepúsculo do pênis*. Que exige fôlego, e muito, do leitor que se aventure pela via crucis da palavra poética. Pela selva selvaggia de palavras que é *Crepúsculo do pênis*, poema para homens sangrados, cabisbaixos, aposentados da volúpia. Trata-se de um livro que exigiria bula, prescrição de hora de ler, posologia de imersão. E especialmente "manual de instrução de leitura" para que o leitor não desembeste do outro lado da página doido de pedra e esbaforido.

De certo modo, as interpolações existentes no livro servem para instruir a sua leitura.

A partir da apresentação inicial da escritora Virgínia Leal Crisóstomo, que em um espaço de dez páginas arrola razões vitais para tal leitura, traçando um panorama da obra do autor com base no livro *O destino poético de Vital Corrêa de Araújo*, de Sébastien Joachim (Edições Bagaço/IMC – Instituto Maximiano Campos, com prefácio de Antônio Campos), inicia-se um panóplia de intervenções visando à saúde do leitor ao adentrar tal intrincado de palavras selvagens, jângal de vocábulos espinhoso, capaz inclusive de ferir a doce sensibilidade de alguma leitora desavisada com tamanha descomunicabilidade de sintagmas soltos na página como cavalos indômitos da alma. Seguem textos interpolados ao longo dos poemas e capítulos da novela vitaliana de poemas incabíveis no espírito lerdo de muitos leitores desacostumados à poética moderna, envoltos na pátina parnasiana ainda. (Coitado deles ao topar com tal palavreado vital que, conforme S. Hansen, lê-lo é mui periculoso, pois "ler VCA causa AVC".

Como Poética e empiria, Forma poética, Leitura correta de poesia (sic), Vital, qualidade sônica, A poesia segundo Valéry, Nossa Senhora a linguagem, Explicação (ou inexplicação) vital, Angústia de cutelo, Ritmo vital, Poesia, rumor de cristal e chama, além da inteligente orelha de

Rogério Generoso. É como se se desentranhasse dos poemas do *Crepúsculo do pênis* outro livro de ensaios sobre a poesia.

Quanto à capa de Sílvio Hansen e Léo Caldas, é um capítulo à parte.

Sugere-se que, caso o livro seja lido por menor de idade ou este possa ter acesso a *Crepúsculo do pênis*, se arranque a dita (torpe) capa, e deixe-se o livro sem rosto em prol da inocência infanto-juvenil brasileira. Insisto enfatizando: a capa de Crepúsculo do pênis é indecente. E passível ser exibida na prateleira de livraria?

1.17. POESIA RUMOR DE CRISTAL E CHAMA

A poesia que se decifra na paixão pela palavra também se exprime no prélio entre cristal e chama, entre diadema e pássaro, escolha ou luta a que poetas dedicam a vida, a dúvida, o ânimo, a alma, o sonho, as horas e o sangue.

Poetas como Valéry, Wallace Stevens, Gottfried Benn, Drummond, Fernando Pessoa, Jorge Guillén, Ítalo Calvino, Murilo Mendes, Jorge Luís Borges, Juan Ramón Jimenez tiveram como emblema o cristal, a transparência expectante,

luxuriosa, cardinal, sobretudo mística, que o cristal, ao pulsar, incorpora e aveluda ou alumia, tornando transcendentes e quase absolutos textos minerais e primais desses extremos criadores da beleza verbal.

O cristal que contém facetado poder de refratar luz e invariar a fé na beleza é emblemático do poder descomunal que a palavra dá a estes homens por ela eleitos para alto ofício da poesia, para alto sacrifício da paixão pela palavra.

Eleitos são poetas que incólumes atravessam séculos e a estes lustram suas mazelas, angústias, promessas, virtudes, afiam vicissitudes e triunfos, tudo exalçam, com o poder apaixonante do verbo.

Na chama, temos a ordem do rumor, a volúpia geométrica da agitação, do vibrar púrpuro, palpitação fractal, incêndio líquido e extremo assédio ao céu, posto que vórtices de fogo da palavra se elevam, pássaros verbais sob ímpeto da metáfora das asas. E guante ensandecido da paixão pela palavra poética criadora de mundos e sublimes visões humanas.

Poemas, como estrelas do verbo, alçam-se do firmamento da página, branco páramo de suas metonímias e sinédoques, de seus símiles e epítetos magistrais, aos olhos verazes dos homens.

1.18. FRAGMENTOS (TERÇO FINAL) DE TEXTO

Encanto, doçura estranha, atração mental, tudo causa a poesia absoluta (na pessoa normal) estupor e sideração.

A grosso modo, e no conjunto, a poesia de VCA é súbita e intensamente humana. Contra a reificação e contra a alienação normal dos homens brasileiros; e por uma bem delineada e firma concepção do mundo, que credencie cada um a sentir a própria humanidade (em si e no outro), essa poesia vai além de limites relativos.

César Leal afirmou, lendo *Burocracial* e *Só às paredes confesso (além de Título provisório e Coração de areia)*, que VCA é o poeta capaz de maior e mais intensa musicalidade dos últimos tempos. Embora ele (VCA) não apresenta em seus livros um único poema ou duas linhas poéticas rimando aparentemente.

Música de aliteração e sílabas metálicas, de assonâncias sólidas, rimas internas complexas sem dentes. Ou seja, VCA é um poeta lírico. De Lenos, deus que inventou a música.

1.19. VCA: RIGOR DO CAOS

Vital Corrêa de Araújo é rigoroso em sua poética que vela e admira o irracional.

Este se opõe e sobresta a razão comercial de hoje, vai de encontro ao saudável e aplaudido racionalismo que encanta o mundo desenvolvido e emocional de banqueiros a médios empresários. A razão triunfou. Por que poetas inda teimam com poemas sem sentido desprovidos de emoção ou sentimento, próprio da poesia tipo sorriso da sociedade estabelecida? Poesia é coisa de ócio não remunerado para leituras entediadas... e marginais.

VCA também detém estilo inconfundível embasado e demonstrado em seus vinte poemários, obra que o converteu em não-referência obrigatória entre os poetas ilustres brasileiros.

VCA detesta livro breve, destes que nem ficam em pé. 90% das coletâneas não chegam a 80 páginas. Os de vital passam de 150. Anacronismo? Ou atentado ao hábito digital?

Ao contrariar a razão mercantil prostituída, opondo-lhe o irracionalismo sagrado que move o inconsciente a suas últimas consequências. Ao refugiar-se na lógica dialética, VCA despreza a lógica ordinária, dominadora, estabelecida, como se para sempre. A logística que leva leitor à certeza da compreensão (irretocável).

VCA leva a palavra poética ao horizonte do apogeu, a sua mais alta condição potencial conotativa capaz de expressar o inexpresso ainda. Dizer o que ainda não disseram as palavras.

A palavra vital é uma religião. Deus é poema. E a luz que dele advém ilumina o mundo e a sombra do homem. Vital dá sentido ao caos da palavra, enfim.

1.20. APRECIAÇÃO LIGEIRA DA OBRA DE ADMMAURO GOMMES SOBRE VCA

Tenho lido muito VCA
nas tardes geladas e aconchegantes de Heidelberg

Admmauro Gommes - meu colega professor de literatura, num gesto ousado e demonstrando extrema competência e exemplar metodologia, organiza, em tempo recorde, cerca de 30 dias, livro em torno da obra do poeta Vital Corrêa de Araújo, reunindo depoimentos, miniensaios, artigos, reflexões sobre poesia absoluta (ou neoposmoderna, como deliciosa e não muito ortodoxamente VCA apoda esse novo surto de sensibilidade poética, essa neoforma de poesia no atual estádio da literatura brasileira). Há um fio

condutor da teia admmauriana, um norte da colmeia que é o livro, em razão da elaboração do trabalho: estudos de um primeiro pré-livro VCA na FAMASUL (70 págs), há 6, 7 meses, e a entrevista na Rádio Cultura dos Palmares concedida por VCA a AG e a cerca de 15 graduandos de literatura da FAMASUL, há cerca de um mês e meio - inícios de abril de 2013.

Dessa colheita e da lida que foi a literatura de alguns livros de VCA, leitura provocada e monitorada pelo teacher Admmauro Gommes, resultou esse volume esplêndido. Depois do professor Mestre Absoluto Sébastien Joachim, AG retoma o caminho do professor canadense e avulta com um estudo vital sobre Poesia Absoluta. Agora, mais inovadoramente ainda, com a participação de dezenas de estudantes do curso superior de Letras, de vária série, desde a 1ª, o que valoriza sobremodo a perspectiva e a reflexão. Rapidamente, avaliei o nível geral... e vejo muito mérito na iniciativa, muita espontaneidade, o que é bom, e muitíssima liberdade e estilo na apreciação, além de larga perspicácia demonstrada pelo alunato. Parabéns!

VCA é um poeta inovador (desde o 1° livro, em 1979) e original até os últimos, 2013. Isso é uma marca vital. (Acompanho-o desde 1995, quando partilhamos três ou quatro antologias com outros 40, 50 poetas).

Mas, o que é poeta original?

Poeta original não o é no sentido de primeiro, mas traz o novo à vista do hoje, ao agora. Que renova - sempre (não só inova). Mesmo sob velha forma. E dá-lhe forma nova. (E dialética).

Poeta original é o que oferece a novidade (uma bandeja nova também), mesmo sob sol impossível. É o que traz (leva a leitor também novo - não cronológico, ou que assim o queira) a evolução - e não o mesmo estado - status quo, isto é, o vital poema. E que seja fruto de (desesperança) insatisfação absoluta com o todo já bem estabelecido. Ou com a totalidade do estabelecimento de que (pobre). Poeta absoluto é o que rediz (repete, mesmo) algo de modo (forma) original, viva, nova, diferente, definitiva até. Que renova. (E inovar pode ser difícil ou não).

Tenho lido muito VCA nas tardes geladas e aconchegantes de Heidelberg. Algumas vezes, caminho na elevação já afamada (caminho dos filósofos) acima da vetusta ponte, e carrego livros no sobretudo. Embora, VCA seja muito esquisito. Não me manda regularmente informação. Perde meu endereço, e-mail etc. Sei que isso advém de sua hiperatividade (que herdou de Murilo Gun).

O que chama a atenção é que dos milhares de sintagmas (conceito vital na teoria literária alemã moderna) que VCA produziu, não há sequer um repetido. É mesmo uma questão de demiurgia (como Admmauro Gommes perscruta, especula).

Escrevi ensaios (livros) sobre a poesia hermética italiana e sobre o Expressionismo poético alemão (infelizmente não os traduzi para o português). Então sou treinado. E sinto que VCA está ampliando incessantemente sua abstração poética. Até quando? Até onde?

DADO INTERPRETATIVO (INTERPOLAÇÃO)

Flagro na poética vitaliana algo recorrente e demoradamente estranho - fato pelo qual chamo esse traço à colação no presente estudo. Ele insculpe seu objeto de palavras (o poema) de modo a fazer avultar um rosto insólito do real ou traço da realidade sobre a qual debruce seu lápis (ou alma). Insólito porque contrário à habitual e ordeira coerência de que se impregnam as coisas lógicas humanas. (Vivemos, desde há 2.500 anos, numa estreita faixa, num círculo como que gramatical, numa jaula lógica sob os ferros das premissas que se nos impuseram... e poucos - como os que lidam com a poesia absoluta, se evadem dessa prisão lógica a que se sujeita a mente ocidental).

Desse modo todo o efeito "zen" na consciência (?) do sujeito leitor - ocidental, a ele exposto, pela poesia absoluta, é neutralizado, de forma tão áspera que tal leitor se descarta do livro,

da página em que se insira tal poema, de modo abrupto, como se o poema absoluto fosse víbora.

É preciso, pois, que o novo leitor se desinsira do fato (real?) cru da vida a que estamos viciados, por uma decorrência da lógica dominante. Portanto, leitor vital escamoteie de si toda a pátina parnasiana. Enfrente-a lendo Augusto dos Anjos e Cruz e Souza (ou Verlaine). Impute isso. Impute-se tal. Declare-se salvo da ácida fé parnasiana. De seu paraíso de cromo e lantejoula de rima. Diga-se: tudo é vertigem.

CONCLUINDO

Nos seus vários livros (10, entre 2010/2012), VCA construiu uma barreira de compreensibilidade inexpugnável, algo que somente agora os professores, graduados e graduandos (desde o primeiro semestre de Letras) da FAMASUL estão a derrubar, vencer, separar... e o estão fazendo com nítida competência conforme vi e li; via e-mail, recentemente.

Já é meio que lendária sua ojeriza à rima. O que é mais que normal na poesia moderna. Sua resistência à métrica, o que crescente desde Pope, Wordsworth (poesia-emoção recolhida na tranquilidade) e Goethe. Maestria métrica é algo meio que aritmético, ou bem dantanho, ou coisa

falida, ou algo pouco válido (ou inválido), fragilizado temporalmente... e nada a ver com maestria poética, nem de longe, diga-se de passagem (ou não).

A métrica é uma pedreira de um edifício antigo (bem abaulado, cai não cai) da arquitetura literária do século XIX (e já estamos no XXI!). (Metrificar palavras não mais é dom de mestre artesão de sílabas, mas vício.

Toda essa relojoaria virou impostura e anacronismo perfeito. Cadê a poesia? Cadê a rima? É que alguns (muitos) não acordaram ainda do sono dogmático da literatura do século XIX. E simplesmente não são contemporâneos deles mesmos. VCA, digo eu, é contemporâneo do futuro. Ele e professores e alunos da FAMASUL. E uns poucos do Recife: Sébastien Joachim, Carlos Newton Jr e Rogério Generoso.

A poesia de VCA – como bem o disse Admmauro Gommes (em Para entender VCA), reflete o caos (geral) externo da vida e do mundo agora. É verdade. Pois VCA é uma pessoa fundada em uma nítida (e humana) concepção do homem, da vida, do ser, da sociedade.

E viver um presente tão degradado, uma época tão caótica, uma era tão mecânica (mecânica virtual porém mecânica), um tempo sem referências sólidas, sem utopia (pois a utopia foi

proibida no Brasil por 21 anos - quando a liberdade virou escárnio, tortura e assassinato sob pena de morte - legal ou ilegal, e esquecida pelas atuais gerações); um tempo do mundo, um tempo (não humano) só para passar, como a banda.

ADENDO: POESIA ABSOLUTA: OBJETO

O objetivo da poesia absoluta é descentralizar gravitalmente o verbo (dá-lhe novo ímpeto) levá-lo à periferia, fazê-lo beber dos meandros mais áridos a fim de serseizar-se, isto é: se tornar-se ser da palavra forma e recentralizar essa gravidade verbal em contextos inanipuláveis pela habitual literatura (de salão da alma ou não) de modo a fazer a palavra renascer renata ser e sensação tônica essencial se apossar da alma leitora.

Capítulo II

Um ensaio de VCA: ANOS EXPRESSIONISTAS

Iniciei o pequeno ensaio em Dusseldorf, contando com ajuda da professora Jasmine Santos Azevedo e Cláudio Veras, ambos professores de cultura brasileira em Heidelberg, desde 1980. Algumas traduções e valiosas indicações de textos em espanhol, além dos portugueses, serviram para eu concluísse a primeira parte do trabalho que ora publico. (VCA)

ANOS EXPRESSIONISTAS

Vital Corrêa de Araújo

(Meu primeiro contato com o tema ocorreu em 1988, em Dusseldorf (Renânia do Norte – Alemanha), quando passei temporada a serviço da Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco, participando de um curso sobre Inteligência Fiscal. Na universidade – mantida pelo sistema fazendário estadual alemão, incluindo cursos secundários e superiores, para preparação dos quadros fiscais – estabeleci relações com alguns docentes, entre os quais uma professora de literatura, que me apresentou aos expressionistas. Em Recife, através da editora mexicana Fundo de Cultura Econômica e livrarias do Rio/SP que redistribuíam livros espanhóis, entre as quais Duas Cidades e Poliedro (esta, quando fechou as portas, adquiri, a preço de banana prata, mais de 500 volumes), consegui obras de Georg Heym, Ernst Blass, Yvan Goll, Alfred Doblin, Walter Hasenclever, Georg Trakl, Stefan George, Jacob Van Hoddis, Ernst Stadler, G. Benn (cuja obra completa comprei em Madrid), Stramm, Lichtenstein, René Schickerle, entre outros).

A crítica e a historiografia literárias estabeleceram como decênio expressionista o período 1910/20, periodização hoje prevalente, embora enfatizo que o expressionismo poético

atingiu o apogeu de 1914 a 1920, mas seu desabrochar remonta a 1909/1910.

A cristalização ou demarcação territorial do expressionismo poético deveu-se à antologia poética Der Kondor (1912) – a 1ª expressionista, contemplando poetas como Benn, Heym, Lasker-Schuler, Wertfel, Zech, cujo editor Kurt Hiller foi membro fundador do círculo literário (em voga na época a criação de círculos) Neuer Club; a coletânea de Kurt Pinthus (1920), e o trabalho crítico Expressionismo Lírico, de Gottfried Benn (1955) sedimentaram e deram feição definitiva a essa revolucionária escola.

Os anos 1910/1914 são considerados como expressionistas, *avant la letre*, não pré, como o afirmou Walter Falk, em seu ensaio ímpar Impressionismo e expressionismo.

Isso significa que Ernst (Maria Richard) Stadler – 1883/1914, Georg Heym (1887/1912) e (o poeta do órfico esplendor) Georg Trakl (1887/1914) não são introdutores inconscientes do expressionismo, mas, sim, representantes primordiais do movimento, inauguradores do mesmo como literatura, posto que seu início esteve vinculado à arte plástica.

Ernst Stadler nasceu em Colmar (Alsácia-Lorena), em 1883 (morto em 1914), viveu, portanto, exatos 31 anos. Teve uma carreira

literária brilhante. Estudou romanística e germanística, chegou a ocupar cátedra universitária em Bruxelas. Ao começo da 1ª Guerra Mundial, incorporou-se ao Exército, e morreu vítima do conflito bélico, em Yprés, em 1914. Foi ensaísta, tradutor e poeta. Teve influência (romântica) de George Hofmannsthal, quando publicou Prelúdio (em 1905); mas operou uma viragem em sua poética que desaguou no esplendoroso poemário A partida, de 1913 (um ano antes de sua morte trágica).

O mundo estava em harmonia com a força de sua linguagem.

Quando esse status vital foi rompido pela Guerra, Stadler sucumbiu, como se não mais quisesse viver esse pesadelo contrário a suas crenças humanas, quem sabe demasiadamente humanas.

A influências de Péguy, Francis James e Walt Whitman, que traduziu, deve-se a estrutura de verso livre adotado por ele, em seus poemas, espécie quase estranha, até então, na vérsica alemã.

TRÁGICO PÓDIO EXPRESSIONISTA

Além de Heym, Benn, Stramm e Alfred Lichtenstein, Trakl e Stadler formam o panteão expressionista maior, com um verso bem diversificado entre si, mas com uma característica

comum (e trágica): Stramm, Lichtenstein, Heym, Stadler e Trakl morreram jovens, vítimas da 1ª Guerra, de que participaram, involuntariamente, convocados como soldados, ou bucha de canhão. Em sua homenagem, sob o título (não a pecha) de poetas expressionistas, foi organizada a antologia publicada postumamente, em 1920, cujo editor subintitulou Sinfonia da poesia recente.

STADLER

De um dos seus dois livros, extraio (de Der Aufbruch – A Partida/1905) o poema Anrede/Apóstrofe, que considero simbólico e emblemático de sua veraz e curta trajetória vital.

> "Não sou mais que chama, gesto de fogo, grito de sede
>
> o lince tempo se lança em meu corpo como febre ou desgosto
>
> setas de incessante angústia atira nos prados trêmulos do sangue
>
> como ostra ébria, raiz vazia, água escura
>
> de meu inadvertido corpo vida se evade, ardem

nele signos caducos, horas sem víscera, rumores sem ventre.

Eis que redondos espelhos resvalam nele
crescentes arroios de vida nele se incrustam
em cujo fundo áureo e fecundo
coisas que morreram resistem
porque em mim arde e se extingue a dor
dor de estrelas extraviadas
náufragos brilhos, exílios azuis.

Dele se erguem abismos de verões inesquecíveis
mas o destino da carne não abre exceções
e a apóstrofe da morte sua bandeira planta
entre a certeza e a desesperança."

O choque que este poema produz em qualquer leitor é o suficiente para despertá-lo a esse percurso expressionista.

COMEÇO DA REAÇÃO CONTRA CIDADES TENTACULARES

Forçando um pouco, mas com a intenção de criar um marco (no começo do século XX), podemos situar, no finalzinho do século XIX, o início das megalópoles (em termos de edificações, ostensiva riqueza, pobreza aberta, periferias miseráveis, população em excesso, violência, indústrias estabelecidas no perímetro urbano, e tudo que daí, desse megacaos, derive): Londres, Nova Iorque, Paris, Berlim.

Stadler foi um dos que, como poeta, depositou suas esperanças todas na humanidade, na natureza humana. Não deixou sobrar nada para investir no objeto.

Em contraposição a seu humanismo já depauperado pelos (ar)rasantes avanços da indústria tornados padrão e exemplo em início do século XX; como protesto a essa situação anômala e anti-humana que percebeu, alicerçou seus poemas na visão apocalíptica das megalópoles, como Emile Verhaeren, Trakl, Yvan Goll, Keym e Eliot (de quem foram contemporâneos, de The Waste Land) o fizeram, todos movidos pelo mesmo espanto, pela mesma reação a tal estado recente de expansão urbana degenerada.

Fragmentos de outro poema de Stadler (Diálogo):

"Deus meu, a Ti rendo-me, imploro tua mão, tremo

ajoelho-me ante o sal de Teu umbral

olha-me extraviado na vida

ante o ímpeto devastador do desconhecido (que me ama?)

ante tantos maduros caminhos

que não me conduzem a Ti, a Tua casa final

a Teus jardins de refúgio (onde a vida me encontra afinal)

perambulo como sombra, fantasma, traste de carne solitária.

O barco da vida que de manhã

destroça sua quilha agora

contra os abrolhos ébrios da sina

catástrofe nupcial se anuncia

instrumento eu era da melancolia

fruto da obscuridade de meu dia.

(...)

Dor e prazer desde sempre encerrados em mim
como em um cofre inacessível a Ti
e não há nada do que foi e será
que não haja sido Teu
sempre."

STADLER E O FUTURO MILITAR

No poema-mor Der Aufbruch (A Partida) Stadler exprime sua impaciência e seu repúdio à guerra, embora não divisasse outra possibilidade prática que não o futuro militar. Embora escrito antes da guerra em si, esse poema é premonitório e aborda já a questão bélica, conforme fragmento.

> "A manhã assustou-a eco de cavalos, alento de tropel
> duro, agudo, silvando como golpe de espada
> da baioneta do coração e do rifle da palavra
> a verdade abrindo-se como fruta podre
> vermes em debandada a tuas veias bélicas
> como se no escuro subitamente
> cegassem os faróis dos olhos (vitória da treva).

Como se a alvorada fosse noturna para sempre.

Homens saltam do seu sono

pálpebras ainda pesadas

(sob peso de lágrimas?)

desmontam tendas e mentes

aparelham cavalos contra a manhã."

Stadler, intelectual, poeta, professor universitário (morto no mês em que deveria assumir cátedra em universidade de Toronto) certamente não resistiria à vida de trincheira, ao desgaste de meses, matando por obrigação moral-marcial.

COMO STADLER MORREU

Assim como Charles Sorley viajara para a Alemanha, pouco antes da Guerra, a fim de descobrir Holderlin e Rilke, Stadler viveu na Inglaterra para conhecer de perto Shakespeare. E ironicamente foi morto por uma granada de mão inglesa, pouco depois de ter escrito em inglês sua tese de bacharelato sobre Shakespeare, na velha e querida Oxford, que amava: desmedidamente.

Obs.: Foram alsacianos, como Stadler, René Schickerle, Yvan Goll e Jean Arp (um dos que escolheu ao acaso a palavra dada).

DA POESIA DE STADLER

Do esplendoroso poema Viagem noturna à ponte sobre o rio Reno de Colônia, o fragmento vital:

> "Trem cruza o escuro, o espesso rompe
>
> sonha com ventre de estrelas, logo se abandona...
>
> Nenhuma estrela virá. A vida inteira não foi
>
> senão estreita galeria de uma avenida incrustada
>
> no semblante da noite vazia (de astros e certezas pias).
>
> Rua suja que um dia foi berço e sala da alma.
>
> (...)
>
> Como se descêssemos novamente a úteros brancos

agora noturnos, deliquescendo como o meu rosto...

(...)

Ao final, dão-nos ao olhar voluptuosidade macia de lua

e a esmola de uma oração pedante ao ocaso do poeta."

De Judeus de Londres, o excerto, para finalizar:

"Como abertas cicatrizes da carne carcomida dos edifícios

plantados em rimas cheias de lixo

que arroios sujos despedem todo o tempo (também soluto)

águas humanas, cursos irados...

restos de humanidade armazenados em contêineres impuros.

(...)

Fede a podre carne e a peixe maculado o mundo

pestilento odor invade átrio sacro das narinas

miasmas amarelos indignam o ar

(...)

Uma velha mulher nua lembra os crus desejos de outrora

com ávidas mãos vazias repete gestos luxuriosos fugidos."

HEYM

Georg Heym nasceu na Silésia em 1887, doutorou-se em Direito pela Universidade de Berlim, em 1911, quando já havia publicado a primeira coletânea de poemas, Der ewige tag (O dia eterno). Morreu aos 25 anos, em 1912, enquanto patinava num lago de Berlim, ano em que vem à estampa o livro póstumo *Umbra vitae*.

Visões demoníacas mescladas com o horror da morte frequentam sua poesia forte. O suicídio de Ofélia, a execução (ou justiciamento) de Robespierre e Capet e o magistral poema Der krieg (A guerra) encenando expressionisticamente uma catástrofe bélica, numa premonição formidável da

Primeira Guerra Mundial que desataria em 1914, porfia que não sofreu na própria carne (pressentiu na alma), mas expressou com força e precisão.

Diretamente influenciado por Rimbaud, a poesia de Heym cultiva a violência expressiva, renunciando à poesia de musicalidade trakliniana e à exultação de Stadler.

O fato de não ter aderido ao versolibrismo tem por efeito multiplicar a tensão interior dos poemas ao compactar neles a força reprimida da expressão levada ao ponto de explosão sempre.

Mantendo a ortodoxia sintática e estruturando conservadoramente o poema, alicerçado num estrofismo clássico, distanciado do verso livre de Stadler, Trakl, Benn e Stefan, Heym compensava esse "bom gosto", abrindo as porteiras semânticas, optando pelo delírio do sentido, gestando imagens provocadoras, mesmo escandalosas. As metáforas exóticas, desde Rimbaud, passaram a apresentar índice de modernidade. Vê-se da poesia heymeana que o expressionismo não é menos audaz que o surrealismo no garimpo de formas semânticas heterodoxas ao limite.

Exemplo de poesia apocalíptica é o poema *A guerra*, em que Heym personifica o cortejo bélico "que se levanta do sono falso alçando-se de abôbadas profundas, grande, ignorado, ergue-se

com o crepúsculo, animal noturno, e esmaga a lua com sua negra mão".

E finaliza, premonitoriamente:

"O escombro toca o ombro do homem
rugido deletério invade a rua
para perguntas não há mais respostas
empalide o rosto sob rugidos de ferro
lá longe débil se ouve sinos de tiroteio
o pelo da alma treme, range o instinto
rubros estão os rios de sangue
mortos sem conta flutuam entre juncos negros
corvos se acantonam nos campos
onde batalhas supuram
a dor devora bosques
folhas de fogo saltam das árvores
ferve a raiva, pátrias se escalavram
sob os vértices das nuvens
vertigens de tormenta se erguem
e o mundo torna-se uma Gomorra".

É patético – e antilírico – o primeiro verso do poema Ofélia, de Heym: "Ninhada de ratos d'água se alberga em seus cabelos."

Trakl e Heym são mestres na complexa operação de evocar passagens que encarnam estados psíquicos.

Trakl desenvolveu um modo peculiar de cenário desolador (pesadélico, mesmo) como um correlativo externo de suas agudas ansiedades e secretas.

Trakl detinha da realidade uma visão alienante (e negra, mesmo), mas esse tipo de subjetivismo é bom representante da concepção expressionista do mundo e das coisas da vida.

Heym e Trakl foram leitores precoces de Rimbaud, sendo nítida a influência que o vidente deixou na forma de escrita expressionista. Rastro que todos nós estamos seguindo.

Alguns críticos desavisados tentaram enquadrar G. Heym como pré-expressionista, condição logo repudiada, desde que Heym é, juntamente com Ernst Stadler e Georg Trakl, fundador do movimento, com seu livro Dia eterno, publicado em 1911.

Um certo conservadorismo formal e o recurso a formas poéticas em desuso como o soneto confundiram os críticos da época, mas de modo nenhum o distanciam do expressionismo, ao

contrário, seus poemas, independentemente da forma, são cruamente expressionistas.

TRAKL

Georg Trakl, da tríade (com G. Benn e Stefan George) prima da poesia expressionista alemã, o Holderlin do século XX, como denominou o crítico R. Modern, nasceu em Salzburgo (solo de Mozart), em 1887. De caráter retraído e atormentado, viveu sob acachapante sentimento de culpabilidade que o empurrou ao álcool e à droga.

A poesia foi para Trakl reduto por trás do qual buscou desesperadamente solução para problemas sem solução. Cidadela para um id gotejante, sempre à tona, fortaleza do delírio e indutora do delírio.

O poeta Trakl não era posse de paraísos artificiais, mas propriedade do delírio transubstanciado em poesia magistral, transfigurado em poemas como Aos emudecidos, poema que trai o choque de Trakl com os tentáculos crescentes das grandes cidades (como Viena e Berlim); já urbanisticamente industrializadas, no início do século XX, quando era chique, humano, moderno instalar fábricas no perímetro urbano, como prova de progresso e intimidade com o futuro.

Começava a temporada de contradita à cidade boa (de Edwin Muir) e assumia a cena a cidade má, prenhe de futuro, útero do progresso (e do favelamento proletário).

Desde Rimbaud e Baudelaire, o tema urbano acede à poesia até o paroxismo atingido com The wast land e *A ponte*, de Eliot e Hart Crane.

Mas é a uma plêiade de poetas (modernos) que cabe desenvolver tal temática, centrando o poema na "cidade tentacular", essa fera, monstro da urbanização industrializante e anti-humana por excelência porque era um modelo (ou padrão) de urbanismo ditado pela usura, cidade para albergar o capital acumulando-se.

Emile Verhaeren (à poesia do qual o imenso Sérgio Millet dedicou um ensaio esplendoroso), Georg Heym, Georg Trakl, Ernst Stadler, Jakob van Hoddis, Alfred Lichtenstein e Yvan Goll (um dos que – com Tzara e Arp – buscaram num dicionário o acaso de um verbete que denominou o movimento Dada).

Eis fragmentos do poema Aos emudecidos, de G. Trakl (numa traidora tradução do ensaísta, a partir de um texto traduzido do alemão para o castelhano, por Cláudio Veras).

“Ah, a loucura da grande cidade

quando anoitece (e o exército das sombras ocupa lamparinas)

e junto a negros muros se erguem duendes

da copa disforme de árvores dúbias dependurados

e através de sua máscara de prata lua espia

escombros das vidas tão mesquinhas

dos homens vulgares e mulheres vazias.

Luzes como açoites magnéticos ulceram

a noite pétrea e indefinível

caída na avenida de sombras coaguladas

luzes fictas que rechaçam a lua pálida

e confundem o brilho das estrelas

(que já não mais moram nos olhos dos homens)

abandonaram a janela de suas almas.

Lua envergonhada látegos lácteos de luz atira

no rosto pútrido da noite

de alumínios iluminada

e pus de luar lança

em jorro de prata sobre os seres que sonham ser humanos

e os primeiros atropelados da vida.

Ó submerso repique de sinos crepusculares
dobrando ângelus sobre as almas
já rastejantes dos homens.

Rameira entre calafrios criatura chora
chicotes frenéticos da cólera de Deus
fronte do possesso pune
silenciosa humanidade na escura cova sangra
que luar cava na face de crianças.

Com duro metal forja-se
sacra metalurgia opera
o rosto do Redentor

que à dor do mundo oferece Sua máscara."

De suas obras maiores: Poemas (Gedichte), de 1913 (aos 26 anos) e Sebastião, o sonho (Sebastian in traum), de 1915, já póstumo, desde que morreu aos 27 anos, em 1914, é patente a influência (e também a superação) de Holderlin e

Novalis, posto que a poesia de Trakl não é um resultado, mas um processo, escritura que se busca fazendo-se, e que se fez buscando-se. Trata-se de um Holderlin realmente do século XX, revoltado e possuído de uma visão apocalíptica da vida.

Não se defronta o leitor Trakl com poemas, mas, sim, com um discurso poético composto de fragmentos, que contêm cada um destes a totalidade dos demais. É uma poesia rigorosamente fragmentária e acabada, fervilhante de totalidade e descontinuidade, ou seja, bordado sublime de fragmentos íntegros.

Se a Stadler movia uma espécie de vitalismo que o conduzia a exaltar tudo o que o rodeasse, desde um mercado fechado (final de jornada), uma paisagem doente ou pôr do sol flagrado sobre o Reno, o anoitecer das águas. Se Stadler recriava o mundo pela linguagem, para compreendê-lo melhor. Se a Heym, possuía o horror visionário, que o fez antecipar na poesia a dor da guerra, preanunciando o desastre bélico entre as palavras, dicção fantástica e realista simultaneamente. Se Stadler pressentiu e botou por escrito a guerra, lançando-a na página antes que ela chegasse à carne do mundo (e ao espírito alemão), a Trakl se presenteava a dor nua e crua, não dor metafísica, mas física, carnal, humana (não filosófica ou só da alma), que resulta de uma mente que contempla sua impotência e a impotência da poesia perante a vida,

ante o desastre de sangue e horror da guerra entre os homens, processo que resultaria noutro confronto bélico mais cru, mortífero e impiedoso ainda, com milhões de mortos e holocaustos sem conta.

As obras expressionistas (em poesia e pintura) buscam inspiração nos pesadelos. Melhor sonho mudo que a guerra viva.

Nem pela poesia, houve salvação. Trakl, na segunda tentativa bem sucedida, suicidou-se no front oriental, aos 27 anos, com o auxílio (indispensável) da cocaína encorajadora. A tumba abriu-se para o Holderlin renascido, em 1914, início da primeira conflagração mundial, para a qual foi incorporado, como enfermeiro, à frente oriental do exército austríaco. Graças aos seus conhecimentos farmacêuticos, adjudicou coca ao aparato suicida, alcançando pleno êxito, compensando, assim, "pó-eticamente", a falha anterior.

Morreu Trakl imolado na frente da batalha do corpo e da alma.

Mesmo as descrições (não expressionistas por definição) de Trakl, quando descreve os males da cidade tentacular, mazelas e imundícies humanas, assumem um tom apocalíptico, uma feição grotesca mais do que mera notícia realística, mediada pela linguagem artística, como no poema *Das herz* (Coração):

"No portão aberto do singelo matadouro
pobre bando de mulheres
portando cestos de gritos
e ossos de condecorações
carne podre e vísceras atônitas recolhia
maldito sustento".

Veja-se a riqueza e sublimidade da linguagem para relatar (urdir) uma cena de açougue.

Por isso, Trakl é vital à poesia moderna.

ADENDO

Adito trechos do último poema de Trakl, escrito na palidez da batalha, do frio confronto de corpos e almas brotado, de sua mente visionária colhido para a página do futuro.

Chama-se Grodek (*in Sebastian in traum* ou *Sonho de Sebastião*), de publicação póstuma, menos de um ano após sua morte.

Por ironia, Grodek era o nome da frente de batalha onde Trakl cuidava dos feridos. Seu último poema foi, portanto, escrito na linha de combate (na Espanha, Galícia). Com o poema ainda quente,

insculpido num pedaço de papel da enfermaria improvisada, Trakl suicidou-se plenamente, pela manhã, com o incentivo de uma boa dose de cocaína, após passar mais outra noite horripilante cuidando de soldados gravemente feridos, sem medicamentos, num tempo em que nem penicilina existia.

GRODEK

"Pelo eco da tarde e baixinho
soam nos juncos flautas do outono
sombras de bosques vermelhos ressoam
mortíferas armas das cores do sangue
sobre lagos azuis se derramam

noite moribundos guerreiros abraça
com seu canhestro redil de trapaças
lamento feroz de suas bocas quebradas
como hino desesperado escapa
da garganta já sangrenta
para que linfa melancólica acolha
de suas veias de fino chumbo

sob dolorosa pradaria
nuvens vermelhas Deus irado espalha
como sangue derramando-se
da frialdade lunar (vaso sem ventre)

tremenda dor e escombro de prata alimentam
a ardente chama do espírito

e apagam a luz dos olhos dos netos
ainda não nascidos".

Capítulo III

MOSTRA VITAL DA POESIA ABSOLUTA

Poemas de Vital Corrêa de Araújo

SIGA O DESVANEIO

A morte é fogo de alma.

Absinto do hedonismo amo.

Desconecte-se do ser e entre na onda game

inebriado do demônio do ego.

A precisão apodrece a palavra.

Poema absoluto: oásis da palavra.

Ao clamoroso lamento da quimera inconsolada.

Eliot

Luto pelo deserto do ser sem vínculo a dízimo

Redima o tempo: não se suicide ainda.

O destino do homem é a morte.

Mortos se comunicam pela linguagem vazia enterrada.

Fardo leve é iluso. O peso arrasa o ombro e abre o lombo.

Escrevo sobre ruínas brancas.

Na terra devassada sobram homens ocos.

É bom olhar o vazio do ser.

Canseira grande dá poema absoluto.

Já nada pergunto à água
mas o outono indaga
do nome em meu rosto gasto
já esqueci os êxtases
e as coisas da casa de voragem
o ar vão é mais sereno
a tarde não dura um dezembro
porque a terra me quer inteiro
não abre mão de mim o árido.
Embora túmulo não tenha pressa
lápide é ansiosa e epitáfio sonha ser poema.

Grasso pelos dessentidos do poema
como dura pátio o declive exato.

Deixem que salgueiros chorem
e suas lágrimas como joias iluminem mais a manhã.

E suas flores como jades enfurecem rios áridos.
Busco o poente, o áureo ocaso, a rima final ou físsil.

Não mais se faz íngreme o caminho.
É o plano final infinito e curto.

Tão distante de mim o coração
E vazio o horizonte.

(E o azul também vazio).
Cítara de água, harpa de vento.
O sal exausto, o sangue curvo.
O rosto assim assado.

IRREVELAÇÕES VITAIS

Não tenho revelações (senis, juvenis, afetivas)
nem guardo candeeiros de lembranças
se cultivo o pó ou observo a cinza
é porque glória é de pedra (para a pedra
pela dor) e nada tenho a dizer. Tudo
já o disseram as palavras.

Gosto de desfrutes lassos ou macio púbis
acenos lascivos, volúpias castanhas e torsos
com seios macios também eretos
gosto de olhar o gozo, vê-lo gritar alucinado
e axilas nunca capinadas, além de suores íntimos
em especial de perplexidades
após a pequena morte (francesa ou não)
nada de orgasmo doloroso ou culpado
ávido de decifrações úmidas.

A não ser matéria de esfera e arúspices
não levo assuntos ao coito.

20.09.2015

ÂNGULO DE DEUS

Cada ângulo do destino
que deus geômetra fabricou
com despudorada simetria
e arguto fractal é tal
que por ele se vê o todo
e mais as partes.

Enquanto as notícias despencam
e de todo lado brota violência
ou banalidades insuspeitosas
como a perda de 33 e meio bilhões de dólares
por Eike B (não A de ás, mas B de biltre)
ou a agrura do preço do tomate
que faliu a classe média brasileira
fico a ver o beija-flor do páramo (reino)
a acasalar com rosas enquanto
de dois tragos adentro
da venturosa garganta
e single maltimpudendo derrubo.

BODAS DE ADÔNIS

Ao conúbio de Adônis
touro de açafrão vieram
e éguas lusas com selas de madrepérolas
dos marítimos ventos grávidas
voz de luz velada traziam gatos egípcios
do jade de seus olhos verbais incrustados
soltaram-se indícios ávidos
dos segredos do tempo
chusma de sestércio ornou
palácio onde Adonis rompeu
o hímen da pirâmide.

Macios tratores de cetim vieram
e trouxeram catracas róseas em suas esporas
além de lâminas amarelas
acorrentadas a seu destino.

IMPLICIT

Antes do id, era a dor.
O não ser não mais é
depois do id.

Id ídolo e lobo.

Todo onírico é intranscendente.
Como onívoro inconsequente.

O inconsciente é a linguagem da Poesia.
Absoluta e não.

Implícito é o poema.

Implicite-se.

POR QUE BEBO?

Se árvores seivas bebem
se bebem das frutas seus sumos pássaros
se rio bebe chuva
sol mar bebe
e lua bebe da luz do sol (a sombra esquerda)
para te alumiar
por que pois não posso beber também?

REVEL

Do ápice deserto sinal de Ihwh voa
revela-se o Ser. Aliança fomenta-se
sob cimento inesquecível da Revelação
do tênue parto das quaternidades cria-se
mundos, céus inclinados, pátios transitivos, declives cúbicos
sombras e tonsuras, eitos ambiciosos, silos prenhes.
Da lenta greda luz se alça

céu se alastra, volúpia de Deus aumenta
galáxias são buriladas, universos multiplicados
(como pães ou peixes ázimos)
e expansões edificadas com precisão surda.
Vindos da solidão divina para turvo ermo da alma
grito, sinal alado, liame ágil voo
nuance fugidia, rumor de criatura fundam-se.

NOTÍCIA DA MORTE DE SENAQUERIBE

Em incerta manhã da nevoenta Nínive
enquanto adorava Hisroque
Senaqueribe foi morto, cortado, lacerado
pela cimitarra fraterna
dos filhos Adrameleque e Serezer.
Esar-Hadon subiu ao trono cavo.

Lâminas filiais são certeiras
controversas, repristinas.

O FUTURO NÃO É ASSÍRIO

Isaías, filho de Amós, orou ao Senhor
prédicas vazaram do seu coração altivo
voaram de sua garganta diatribes duras
perorou ao Senhor dos Exércitos metafísicos
aos comboios angélicos perorou.
Isaías lançou insultos aos soberanos
e o Senhor gostou, riu das lamúrias dos ímpios
gargalhadas de Javé vararam céus
tornaram-se lendas cósmicas.
A prece (trapo de esperança, súplica de prata)
que Ezequias fecundou Isaías conduziu
aos puros e fortes ouvidos do Senhor
oiças que reluziam como luz derramando-se
da assembleia das estrelas (bacia sublevada
de galáxias), magote de brilhos das sendas de Deus
arremessado no coração escuro do homem).

Javé na rédea dos exércitos da redenção
(cavalos do futuro disparados nas haras do
Senhor)

respondendo a rebanho de dúvidas disse

ouro, especiarias, montes de mirra, vastas cidreiras

aloés arguto, azeites finos te esperam

povo eleito do Senhor ungido de Sua glória inteira

e futuro farto de alegria, doçura, centeio, abelha, alfaces te esperam.

(Enquanto o Senhor em teus olhos morar).

Prédicas de ira, aljava de concílios, buquês de relâmpagos

e coivara sem trégua, catervas de cólera, coleira de estrelas

foram atiradas da boca e dos olhos do Senhor

contra pérfidos incréus heréticos senhores blasfemos

(que vorazes adjetivos não hão de qualificar)

que não mais provarão delícias da terra

que não mais proverá sua sede viva.

POEMAS AO LÉU

Te digo na chuva abismo de ônix êxtase de acrílico

canção árida colho

cacto cíclico o sol.

Árvores marinhas, pátios submersos em crisântemos

submarinas alamedas

claustros de lodo e fervor

à vida.

Apenas constelações de dores

sofrimento de estrelas.

TUDO FRAGMENTO

A ruptura de toda concórdia.
Assembleias noturnas e perfumadas.
A incredulidade patente do racional sereno.
Os incrédulos monastérios e arrojados.
O anelo ao sublime, a desarmonia criadora
da natureza, as secretas e vastas
estruturas do cosmos, o ardor juvenil
do esplendor da palavra em poema
em oposição a gélidas sabedorias.
O futuro bem amado (nunca armado), a certeza
do que virá.
A voluptuosidade do amor platônico, sublime.
O infatigável percurso do inapreensível.
A verdadeira iniciação à humanidade.
À abovedada luz dos olhos nipônicos.
Nuvens caídas do céu, deuses tombados no chão.
O universo intranquilo do coração. Estrelas
que fluem do sangue lúcido.
O éter do tempo, a embriaguez das horas.

MINHA NOITE

De luzes oblongas
e límpidos alumínios
construída
a Rogério Generoso (poeta do por vir)

Noite de cavalos cristalinos
de punhais insones, perversões em riste
de cacos da infância apodrecida
a noite de mim
de erráticos egos coagulados
e degoladas bandeiras
fincadas em pódios inflados, intestinos
sobre os pregões da alma demolida
a noite enfim do poema rasgado
da infâmia jamais desmentida
de homens especializados no dissídio do espírito
cujo rumor de infância brota da sarjeta.
Noite nua ilha de impurezas senis
noite minha (incivil e falsa
como uma rua mercenária
que leve ao coração escuro da usura)

mas noite minha (em cujos recônditos sujos
me demoro, desiluminado, ínfimo, estabelecido
como um poste na avenida principal).
Noite minha, máscara onde debruço o rosto
ante lua de próstata impura
onde nem uma folha de estrela
na relva do céu acena.
Noite cadavérica, inconclusa
percorrida de abandono
escoltada de sombras nuas
noite minha.

PAGO DO RELÂMPAGO (estudos)

1

Relâmpagos tombam sobre fragmentos
o tímpano dos trovões amealha alentos
chuvas maculam plátanos, bálsamos gargalham ao relento
ocos cânticos céus derramam como incensos altos
para recrudescerem aromas raros

das velhas orquídeas do convento
de muros desmoronando (e areias solitárias)
fecundas narinas seminando sobre o brilho
de dálias e verduras empilha
o prato sob ígneo látego de relâmpagos.

2

Vergastas de lampejo saltam
das ignotas pupilas do relâmpago
da aljava de Zeus arremessado
sobre o lúgubre olhar dos homens
(imersos em seus dias sonâmbulos
a íris do empíreo atraiçoam
esvoaça no cálido carmim das pétalas
o trêmulo abandono).

3

Tigre célico relâmpago rasga
alta carne do páramo
abre greta laminada de luz
na pele agrária do céu.

4

(Relés de vento, usinas de nuvem

nada atemoriza relâmpago).

5

Relâmpagos sobre tardes amotinadas se reúnem

(num congresso não de ventos mas de açoites e talhos

num colóquio não de centauros mas de assombros)

- o carbono dos olhos de Deus lampeja

de desejo e fagulha, de incandescente lavra

a crueza da luz tocando o resto inatingível -

(salsas assustadas buscaram tugúrio de formigas)

os dínamos das estrelas pulsaram

como catracas de tratores da lavoura

a claridade inundou mármores e dores

incendiou lápides, nomes, golfos

de esperanças (na morte) abriram-se

as comportas dos vespertinos cemitérios

as idades morreram, dos paiós brotaram

amorosos cogumelos, magnólias, aparatos, terebentinas

brotaram intróitos, cansaços, tulipas acenaram
coivaras despidas, sulfatos de remorsos, parágrafos
estrelas amestradas, galáxias embriagadas, sargaços
agonizantes périplos, árvores delirando brotaram
da cútis louca do relâmpago, do clero
de sua luz brutal e divina.

6

Os relâmpagos vieram do coração do páramo
da insubornável lonjura do éter irados
ogivas surdas despejaram sobre a alma.

7

Relâmpago ama fráguas, teme
olhar de Deus (e estrondo de cinzas).

8

O relâmpago tomba sobre cânticos e amapolas
sobre êmbolos derrama-se, escorre sobre bôvedas
acorda o noctívago, faz tremer pestanas
lança-se sobre coivaras e montanhas.

9

O relâmpago tomba sobre plenários, afia

o ângulo das labaredas (que dirige para o medo dos homens)

debruça-se sobre os escombros da luz (que estilhaça)

pálpebras de pedra abre (como redomas baldias)

divos betumes e o carbono do olhar semeia.

10

(O âmago do relâmpago é de prata escravocrata

e de abelhas incendiadas

de gemas líquidas e aços marítimos

sua têmpera amarelada).

11

O relâmpago imola o lento

cala o escuro

lacera o profundo

o relâmpago.

DIAS A NOITES

Dias de granito e orvalho
e de licores nefastos.

Dias sem gradil ou celeuma
sem acústica ou pelica

sem voragem ou pelúcia
dias de aços facínoras

e obsessões diurnas
dias sem dentes e dúvidas.

Dias de fúria em trânsito
e lamentos brancos.

Dias de aços silenciosos
e edifícios abandonados.

Noite de intempéries sem sentido
e poemas insignificados.

Noites de aços ecumênicos
e demônios quiméricos.

Noites enterradas como torres
ou fidalgamente ácidas incorrigíveis.

Noites de violinos submarinos
e pianos escatológicos inúmeros.

Noites de blusa envergonhadas
e cabelos desgrenhando-se.

Às irrevelações de mim.
À noite consumida pelos homens.
A noite e o consumado rosto da morte.
Toda lírica deve ser intemporal
dagora diante sempre talvez.

E o destino do tempo?
Deste... e do outro?

Ao aberto da existência
ao absoluto porvir da poesia.

Se não vamos à morte
aonde iremos?
Indiretamente, talvez!
O caminho do eterno é árido.
Intransitável, rústico, falho.
Secretas, trêmulas
transformações do delírio
apoiam ou improbam o poema.

O existir da angústia fundamental.
Toda distância é iluminada.
Apenas, o espírito não dista de nada.

Não há contingência para a alma.

DÍSTICOS DE ABELHA

Vazio urra
silêncio empilha o pleno.

Um pêsame e dois prantos
o troco dos desencantos.

Todo o alumínio da alma
é inflexível, mas oxidável pelo ácido da carne.

Estilhaços do silêncio
despertam límpidos gritos.

Porque és infeliz
o mundo existe.

Aço do silêncio vence
ácido do ruído.

Eco cavo do mar sábios
búzios quebrou em dúzias de líquidos prismas.

Ciosas sereias em ânsias
de Ulisses afogam-se.

E as conchas do mar entristeceram
vendo amantes fugirem com seus medos.

Tantas vezes cântaros vá à fonte
esta logo seque.

São Luís lambia à luz do amor
escuras escrófulas dos servos.

Na babilônia fornecia-se ácido muriático
para quem sofresse de dor ciática.

Fêmur de sombra do rumor noturno
brilha como coivara no escuro.

Cão morde cauda de cometa
lambe sexo de galáxias.
Os ossos do inóspito.
Os músculos do hospício.

Revérberos bebiam diamantes
bailando nas lápides como bólidos.

Andorinhas pousavam no calendário
enquanto beija-flores sugam néctar do trânsito.

Até júbilo de toda carne

LÍMPIDO FEROCE

O que há no olhar dos cães? Não vejo.
Niilismo era seu nome oculto
falso tudo brilhando.

A melhor espessura dos lumes mais tímidos.
Anjos de antracito, divisei ao longe.

Satã de linho puro.
Como a semente.

Demonstre à náusea o rigor
absoluto da poesia.

ASSIM ISSO

Assim que sol
fere olhos do cedro
manhã se expõe
nua a meus sentidos
em desvario de luz.

Assim que rum conforma a garganta
e conforte o espírito
o amanhecer embriaga os olhos
a alma se expande
e o coração abre suas comportas mais perversas.

Assim que o orvalho alimenta o espírito
e o lamento da âncora aporta no corpo
e a seu eco marítimo assomam espírito e corpo
a concha orgulha suas fímbrias
o horizonte cura-se da névoa.

Assim que o silêncio espreita o junco
e a ruidosa libélula expande o ar
a aurora ilumina a memória da água
e os cotovelos dos girassóis aladainham o punho
da palavra
néctar de sílabas oferecendo a pássaros.

Parte superior do formulário

Parte inferior do formulário

O RETÁBULO E SEUS ÂNGULOS FLÁCIDOS

Onde se cruzam cinzas começa
o drama ingente da vida. Como o nada termina.
Se vives à imagem do verbo, és.
Algo, coisa, talvez gente. Ou
ingente quase.
Nada há, além das palavras que lês.
Nada houve além. Nada ouves do céu que é
longe.

Verbo é ação
predicada ou não. Dixit Goethe.
Personagem do mundo.
E da verdade poética.

A verdade é a vida definitiva.
Irremovível. Dessescolorosada.

As (todas) expressões do outro
estão aqui. Certamente, não.
Ou sim. Sem talvezes. Ou...
Com quandos e ondes, sem porquês.

Agora, ouço aromas vermelhos. Vejo
gritos de pedra polindo-me
agora, distingo rumor lento
e grave e fundo, de cinza
ardendo ainda.

Se todo zero é infinito...

tudo me demove a demitir o leitor.

Pedaços de gritos ocos lascados da pedra
do tempo, cacos
de horas cardíacas, esmolas...

Adeus, alusões, adeus, lições. E ilações.
Adeus, circunstâncias humanas.
Adeus, adjacências.
E superfícies. Ímpares como a seda.

Não escave o frágil, enterre-o.
Sempre. Quando fortalecido.
Se o homem é irreprimível...
perecerá para sê-lo.

Aforístico ou não, o texto
segue pávido, cólume, insevero
tenso intenso
solidamente líquido
estreitamente amplo.
Cruamente expansivo, como o instinto.

ERA UM QUARTO EM LISBOA AINDA EM NOVEMBRO E CHOVIA

Acordei quando o quarto anjo vomitou
em meu rosto esquerdo exalando
biles apocalíptica em meu tétrico leito
e minha cinco insônias se desesperaram.
Então tomei um adriano ramos pinto branco seco
e fiz este poema súbito como víbora no escuro.
Depois outro com o barro ainda ébrio do primeiro
"meu sepulcro é índigo, minha rima gótica
Dilúcida minha navalha amarela
de Drácula meu sangue noturno
e meu solar olhar de Apolo.
O amor nunca morre em abril.
Os pátios de Pernambuco são trampolins para o
futuro".
Então vírgula dormi até às seis com Beatriz.

DILUIÇÃO E CINZA

Não diluído nem árido, a dor bem o dia, a dor
não me consegue ou comove, a seio escuro
da mãe irei à força sublime do hermético
sigo palpo a palpo, noite a noite, palmo a palmo o
amor
sem o alento da angústia
sem retrocesso ou tapumes claros.
Me retenho à vida, me declaro noturno
e atento a crepúsculos vivos que amo.

MÍNIMO HUMANO

Entre a manada urbana de autos
e o rebanho de cólera metropolitana
diviso sinal transitório
e o fim da jornada (diária e maldita)
e sinto em mim reiterar o fim

porém ondas de ânimo me desanuviam
o turvo mundo torna-se cristal rútilo
sinto-me selvagem e invencível
como touros cretenses ou cordeiros cristãos
expulso de mim diatribes e lamúrias expulso
porque sou humano, minimamente humano.

Capaz de morrer de amor.

Quando a coleção de desenganos está alta
e todo o quilate da esperança saturada
sem espaço para o prazer e o desespero
é bom descortinar logo algo.

O mal gira em círculos
o bem é uma espiral, logo
o mal se repete (não cresce)
e o bem se avoluma sempre qual vital falo.

A liberdade é vítima do homem.
Assim como a natureza. É da
natureza humana vitimizar o mundo e a si.

DO LIVRO SOBRE... BORGES

(On his blindness... trad. de VCA)

Ao fim dos anos me rodeia
insistente neblina de luz
Que as coisas a uma coisa reduz
sem forma nem cor. Quase a uma ideia.
A vasta noite elementar e o dia
cheio de gente são essa neblina
de luz duvidosa e fiel que não declina
a espreitar o amanhecer.

Ignoro a idolatrada enciclopédia, mas sinto

o palpável prazer do papel de livros

que minha mão reconhece.
Aos outros, resta o universo
a minha penumbra o hábito do verso.

Borges ficou cego aos 55 anos, a mesma idade do pai e do amigo a que ele sucedeu na direção da biblioteca nacional da Argentina. Ambos cegos. Quanto ao verso... "que as coisas a uma coisa reduz," o sujeito é neblina de luz. São remissões líricas à cegueira.

POEMAS DE UTILIDADE PÚBICA

Esta página de utilidade púbica (da revista SINGULAR) dedico ao cio sobretudo. Em seguida, ao umbigo côncavo cálice carnal onde licor não cale.

Ao de Sulamita e ao da leitora primeira desta singular revista. As ilustrações são sintomáticas do tema, e os poemas interessados.
Começo com elegia à perfeita criatura de Deus.
Que é a mulher.
Antes vírgula olho fêmea e ávida anca
como ilusão perfeita e o colo berço do desejo.
O umbigo (que dá o tom lascivo do canto)
regaço das garças de meus lábios

ou taça a que sede não falta
nem saliva extática.
Ou algo lunar e terreno, ávido, noturna
bacia de volúpia redonda (ou cavo botão).
Ó umbigo funda fortaleza da alma sedenta
maromba de carne sustentada
por colunas de osso e músculo
que guarnecem vale florestal luxurioso onde
reina cona brecha sublime e faustosa.

Teu ventre é um monte de trigo
teu sexo ameixa molhada
bochecha sublimidade dupla
seios gazelas gêmeas
e arredondosas (redondezas macias)
pastando entre lírios de meus olhos
umbigo maçã furada
depressão cósmica tenra
do centro vulcânico do corpo
páramo de racimos de açucena
ou abelhas de meus beiços cívicos.

Amo umbigo, o da lua, o da moça centro
erótico do universo múltiplo.
A peregrina denominação dada a essa
úmida e macia escultura de Deus ônfalo é vital.
Comecei a escrever ontem (1999, abril, 16)

a completa história do umbigo. Parei
na musculatura macia e redonda da panturrilha.

Porém, creio no umbigo asteca (e em que bebi

esplendor castiço e ebriedade pura, no velho
México)
meu cio onfálico é lendário e mesmo eterno.

Na corda onfálica me enforco rodeado
de estátuas e ilhas de sal.

Nota: do Cântico dos cânticos
esse poema genuíno de mais genuíno ainda
amor humano retirei da redoma da lua carnal o
tema
umbigo: noturna taça de lua onde bebe a rua
mora a maciez edifício de sede e carne.

Regaço de garças milésias
fome de Lesbos nascidas
sede do lábio fonte
ultimadamente hebraica: umbigo.

Pois do umbigo sublime bacia me derramo
carnívoro vinho se derrama boca sorve
cascatas do gozo macio carmim
jamais vazias sempre sedentos rios
côncavo como taça redondo como lua
odre ébrio de luz carnal onde aroma
místico não falta nem oceanos lascivos.
E a maior das sedes não escasseia.

Enfim, vinho bêbedo do umbigo sugo
redondíssimo e úmido licor abarco
com boca eslava de lábios lascivos.

(Poema este dedicado ao ubíquo umbigo
centro universal do corpo

entre cona e seio situado geograficamente puro
conforme proporções gregas antigas
próximo ao sul do ventre onde fica meu porto
vital
umbigo do mundo).

MEDIDAS

O vaso real do umbigo traz sem dúvidas
duas onças de sedento almíscar
o que lhe dá sensação suave
de aroma sério (à narina ereta).
E um (ou dois) unguento de benjoim
em gota sacra pendendo à boca ávida.

NOTAS

Umbigo hebreu é redondo e profundo (ou surdo).
O árabe é seco, meio árido mas molhado
e tem forma de tâmara bêbada
e vinho ardendo.
Já na Índia, o homem beija antes de tudo
ósculo vital e preciso sobretudo
a juntura dos músculos do braço
e do profundo porém casto umbigo retira
taças de tesão vivas. Além de eróticos aromas
mescla ampla de canela, anis, menta e baunilha.

POTÁVEL CRATERA DE EROS

Do pote de néctar do umbigo varão sorve
sons e veias, asas e seivas
como abelha lenta da rosa religiosa.

Mais uma vez dedico o poema à
redondez da pélvis vasilha aberta ao lado
da anca nunca vã de uma mulher.

AMANHECER EM BOA VIAGEM

IMENSO
vômito de claridade
embebe toda a cidade.

Amanhece em BOA VIAGEM.

VERBO AMOR

Soluto fogo em água avulta
dissolvido em chama saúda a cinza
cautério do ser, elemento do sim
que vem da febre que vai à dor
fogo vivo em amor consistido
cratera do desamor, coivara da cor
coração da chaga, pôr do canto.

Música que a solidão povoa, fuga
e leva da última canção.

Borda precípite do sal silenciado
ruidosas vozes apagadas
apanágio mudo, solidão de pedra.

Esmalte que da lousa escape
cromos do livor crasso.

Todo vazio é presença absoluta.
O verbo vem do amor humano.

QUERER

Como Anacreonte
quisera ser sandália
para viver a teus pés

ou túnica para que me vestiras
sempre nua em mim.

quisera sempre as carnes
eloquentes de tuas ancas cambiantes
cúmplices de meus turbinados olhos esgazeados.

Que teu ser fosse eu... e em mim
de teu gozo sempre desfrutasse

que teus seios vivessem
de minhas destras e eretas mãos

e os mamilos como ovelhas ou mesmo milhos
das colinas (ou galinhas) de Cedar
mordessem os meus dentes.

RITOS E SER DO VERBO
(Astúcia de teia e tato)

Só o além dos limites indica
ou indicia o instante do poema
sua pura instauração
na página da alma.

Algo compele o dedo instantâneo
a grafar poema súbito.

Imperiosamente vazio ouso
desatar o poema
do cacho de palavras
que o ordenhava.
Melíflua essência
do lácteo verbo da vida.

Toda a floresta assim
de selvagens sintagmas
é ordenhada como estrofe
sem menopausa
a estéril montagem.
E o que resta do possível
é o impossível poema.

DIDO

Dido é aurora feita de fumo e dor
é ardência de treva, injustiça de longe
impuro fruto do amor (sem pena).

Dido é a madrugada que me alaga
é a ventura que me viola
a abandonada bela (e salvífica)
é irmã do meu tormento.

Eis o ardor do meu destino
Didoabandonata.

VÉUS CIÚMES

Véus tinham ciúme, linhos inveja.

Morte surpreende o dia
brota do corpo da tarde, invade
sombra de âmbitos fiéis
desfilam nos dedos elegantes
azuis anéis
a umidade selvagem
dos alpendres de dezembro cessa
ante calor augusto do amor
incorporado na rede.
Lírio esplende do jardim da coxa

doce suavemente rosa abre odor
que impulsa máscula narina.
Alvoroço de asas e rosas lusas
irrompe de violinos de ossos distantes
rumor de aço se houve
dos nervos das espadas brotou
de lâminas bêbadas descende.
Das quilhas lunáticas escunas
das vergas a mastrear das proas
e carenas vem o poema.

A TI

Do silêncio das vértebras sonoras extraias
tutanos do grito ou fêmur do rumor.

Encaçapes em ti o intento de mim.
Encaracoles a prece em que desisti de ti.
Ergas uma coluna de sal silente e astuta que és.
A tumba do vento jaz a teus dons.

A flauta da vértebra, o jorro de som
a música do osso, o coro do coração.

Do vestíbulo dos lábios o baile dos decibéis
e bemóis de dezembro com que me presenteias
além
dos sustenidos negros de teus cabelos
a derramar na noite sinfonia de êxtase e gemidos.
Entre decúbitos e espasmos líricos.

DOIS PUMAS DE POEMAS

Dois rebanhos de brilhos turvos
e lobos ávidos
me atravessam
espírito escuro.

A um porto de porcos vou sem rumo.
A uma horta de vermes
a um horto sem dor.

Manadas efêmeras de coiotes hábeis
me levam a fronteiras esmas
de mim a mesmo.

DE MÚSICA DE ABISMO E BRILHO DE PÁSSARO

Arpa de abismos
solitários ventos dedilham.

A estrelas secretas do coração
que diréis?
Que escuro pulsa
do seu interior tão claro?

Do coração das estrelas portentosas
de brilhos caudalosos incruentos
do imo áureo das fagulhas nuas

do ígneo rosto que futuro sonega
busco teu nome, poesia.

Ubres da manhã se abrem
deles saem pássaros
do fardo do azul atordoados.

Deles brotam colibris de luz
que pólens de brilho distribuem
das flores onde pousam ais.

OLHAR DO DESEJO DE SETEMBRO

Olhos buscam cada matiz (ou veste de luz)
nuance ou sombra do vazio
rumor de aroma insolente aberto no corpo
cada pausa do ser, sua
nudez absoluta (não precária) ou fronteira
(linde, limite, alma, superfície) buscam
desmaios, dores enjeitadas, doces estuprados
buscam abandonos, alegrias desesperadas
açucares desemparados, náufragos noturnos
metropolitanos rosnares dos homens, coisas sem
nome
do corpo qualquer alento amarelo
do lábio todo rubor
que escape ao seu redor.

SETEMBRO MORREU

Suicídio dos meses se repete
com minúcia e destino
seus funerais
são o olvido
o esquecimento dura duas moedas
tem duas faces, dois instantes
(o do fim e do renascer sem mim).

Setembro teve beijos laicos, longos orgasmos
turquesas, lábios de rubis, cofres amados desejos
e certezas que também morreram.
Cinzas de setembro espalhem
sobre tua alma trêmula
sobre tuas sinas cegas.
Setembro foi dissabor, prêmio
doçura nua, travo
amaros urdires das horas
desânimo, vitória.

CANTO ÍTICO

(Do ciclo Cambriano) de Holderlin

Estrelas caiam-lhe no rosto
do rosto brilhos pulsavam
como astro não distante.

Olhos fustigados por brasas
sois saindo de sua alma

a lucidez perfeita nele ancorava
(enquanto longa loucura durasse).

Aos 40 anos de insânia poética
de Horderlin

(Por que Deus o inebriou (aos 32 anos)
o poeta da essência O ameaçava?)

Rosas do inverno
aquecem coração

aquiesce coração
sombra do inverno.

Paira incomensurável abismo
rosto
já perdeu as máscaras vivas
cântaro de náusea, torrente
de desatinadas palavras
insensatez da vida
opróbrio de ser
se oferecem a ti
(leitora drástica): não recuses.

SOBRE POESIA E DEUS

Poesia, límpida fonte de desespero
modo de disfarçar a alegria, cobri-la
de gestos cegos, sumos cavos, uivos servos
ou da pele frágil da eternidade
da cal de que é feita revesti-la?

Poesia torna oficial (fazê-la)
face da lenda se instala
da alma do poeta livre
dos sentimentos, absolvidos sentidos
de suas culpas (e pecados) pela poesia.

Poema sentimental (demais) é vulgar.
(Não a canção de Altemar Dutra).

Poesia causa desprazer a poeta
Obriga-o ser infeliz. Celan o foi
porque sua poesia era obscura, de sentido ignoto
(real absoluta).
Faço poemas porque vou morrer. Se fôssemos
eternos ou imortais não haveria razão da poesia.
O que seria grande e duplo alívio. Não
morrer e não ser poeta. Poesia rima com morte.

A SONÂMBULOS OLHOS

De príncipes noite sonda insônia anual
espreita escombros azuis da pálpebra que
descamba
sobre sono que não vela olho.
Insônia de príncipe é indestrutiva
macia, urgente, surreal.
Noite apregoa máscaras
é caudalosa, imprecisa, tributária
da vigília estendida sobre olhos
como chuva na calçada
como sílabas molhadas
do texto Moby Dick lido na voragem lívida
sobre olhos furtivos que se abrem
sobre descalabros de sombras, dilúvio
de véu sobre poço de claridade sacrílega.

Noite alicerces úmidos como sarça selvagem abate
riste sobre pálpebra sonâmbula
pelo insone destroçada.
Ulcera gargantas diagonais nuas
istmos, ângulos, razias de sombra do céu sem sol
madrugadas escala possessivamente
músculos do sono faz lassos
desperta halteres de sua vigília férrea
labirintos esgana fábrica da noite aquórea
do rosto das vítimas trilhos pálidos, jaças
filetes púrpuros, raios encarnados arcaica
noite lança lassa

dos olhares licores facínoras arranca
escava sulcos da prole escura da lua
que na rua deposita leitosa luz.

Nada impede progresso da insônia
nada excita seus edifícios insanos
com muralhas azulejadas de olhos
insones abismos incita
como resposta a sono lento e amplo
noite não desova vigílias
as preserva, não as amacia
culturas com lavor rural porfia
dor de vigília despetala seu cálice
oferece à insônia indomável
como brinde à eternidade da noite
a sua duração inconcebível
mas destra, inconciliável com cílios
de lamentos como uivos de olhos.

DE ONDE VENHO?

Essa filosófica pergunta
tento responder desta página.

Venho de obstruções do instinto
e das intestinas sedições do tempo.

Venho de rebelados portos e lápides insepultas
a que a palavra me obriga e prima.

Venho das revolutas veias do meu verbo
e das intransigências lisérgicas da vertigem.

Venho de unções devotas, cabisbaixas réstias
e unguentos desalmados.

Venho de insinuações senis
e nuas aquiescências

e do insano que a palavra aprimora
e das suínas situações da vida postas sem trégua.

(para alimento da porca existência
e júbilo dos senis e seus acólitos
impregnados de lipídios arrancados
dos almoços legendários).

VEIO DO SAL

Garimpo o sal, a carne
no veio da terra, o barro
ébrio e a plástica do sopro
na descida ao céu ato-me
ao demônio do amor (indômito)
o deus da luxúria me leva
conduz-me a irmã volúpia
aos recintos de mais brilho da alma
todas as noites insensatas
em teu casto corpo reúnem-se
iluminado de lúbrica rebeldia
de extática revolta atravessado
irei ao confim do amanhã
te libertar da mácula passada
aluminar-te da luz do sêmen
e teu seio selvagem darei a pássaro
que vier avoar no corpo
em holocausto ao prazer
em regozijo do porvir
(para que voltes a minar-me
a cada dia sempre a garimpar-me inteiro
a multiplicar o êxtase
e a dor de ser)
irei ao confim das manhãs
te libertarei da mancha escura.

A ÉBRIOS

a Edgard, à tarde, aos bares

Ébrios amam bares sede
neles imortal derramam
sob atônita emanação de hinos atonais
ao grito dos hidratos de carbonos e etanóis
dentro da noite de safira libidinosa
sob guante dos fados carnais
(que acicatam o cio).

In memoriam do último boêmio
do Pátio de São Pedro dos Clérigos
EDGARD POWELL

VOGÁLIA

A. Embriões verbais nus

E. Omoplatas e testículos à mostra.

I. Maremotos em cálice silenciosos. Ou profundos.

O. Ovelhas desabatíveis.

U. Ureia em profusão vital.

B. Poema, não ameba.

13.06.2016

DE ROSTOS E MORTE (E DO POETA)

Poema que tosquia a alma
e expõe o ser do homem como pele de cobra

Do poeta empoleirado na palavra
do varal farto do verbo vendo
trânsito eterno do mundo (vasto vago)
assistindo à peripécia do tempo
gastando-se e gastando os rostos, erodindo
ouro da cútis humana
tão vertiginosa variada (como nada)
contemplando mesmice e distúrbio
dos idiotas viventes dos seus casulos amoedados
cárceres bursáteis e catres monetários
(à espera definitiva do rápido imutável fim
de tudo e nada – pois no inferno.

1. não circula dólar ou euro (ainda?).

O que move o homem (a mim ou a ti, leitora)?

A sede o move de pote em pote da vida

de vaso em vaso da alma até o vazio (absoluto ou não)

2. até a saciação da morte.

Toda paixão entronca, estanca (move-a a

paralisia do futuro que escava esquizofrênica sina)

bebe, embriaga-se, recua

3. e se precipita no amor.

Eterno é o átomo
e somos átomos de Deus.

4. Onda do corpo corpúsculo da alma.

A poesia absoluta é intangível. Porém real.
E mediata também.
É caos implicado e explicado.

5. (O eixo do caos está em sua implicação vital).

6. A poesia absoluta fornece fosfato à alma do leitor.

Órbita de maçãs caindo do céu

7. da cabeça de Deus.

Vozes de silêncio (não de sílica ou cilício)
nítidas como um lamento.

8. Vejam todos os que me leiam.

9. Um rosto morto é a maior obra de Deus.

Um rosto vaidoso ainda e bem morto

é impecável. Belo putrefazendo-se
lentamente como lírio abortado.
É um rosto (o bem morto) se sentindo eterno
mesmo sem a satisfação dos sentidos em nós
(próprios, pois os cinco foram
os primeiros que morreram e os dos outros

10. que estão também indo-se).

(Duração sem plenitude é zero.

11. A esquerdas).

(Baixas paixões ideológicas exacro.

12. Não interessam à poesia).

Quem nunca viu o rosto morto não é
ou viveu – ou vive, ainda
apenas é uma falta
o rosto morto é tudo o que se foi
(belo ou não, é trágico e nu e pleno)
é foice e ser ainda – é tudo
o que será enfim
pois é um rosto irrevogável. Definitivo.
Que repudiou a máscara.

(Cujo destino mais belo é a podridão

13. também irrevogável).

Rostos mudam. Só a morte

14. não os muda. Mais.

Tempo significa algo? A não ser dor
de ver e viver a vida (dura e rápida

15. como ele), a não ser cru e expresso trânsito?

16. Fuga do tempo! Como? Quando?
Onde? Por quê?

Poesia Absoluta dá asas ao espírito.
Concede bônus de fogo à alma.

Nela era três os entusiasmos.
Os grandes – e rosados – lábios íntimos
intumescendo o anelo animal
os inigualáveis olhos abovedados
de lento azul e íris furiosa
e a alma plena de desejos inimagináveis
(mesmo impublicáveis, de tão impúbicos).

Os olhos dela subjugam.

O rio do tempo (heraclitiano fluxo e impuro
da vadia horda da hora) estanca em mim.
E a eternidade do teu olhar não passa.

O fluxo dos ecos, a chusma dos reflexos.

À luz baça da vidência
à luz lassa do delírio.

E se vais à árvore conhecer a vida
irás ao pecado embelezá-la
(de gozo e poesia).

Só o cadáver não mais crê.
E vermes só creem em cadáver.

E nem larva mais teme o cadáver
porque ele também é larva.

Não busque esclarecimentos do poema
ele não é bula nem bíblia
nem queiras tirar dúvidas à razão:
cúmplices destecem o ser.

Qualquer curva é reta
qualquer norte ermo
qualquer rota rota é humana.

Ascender à resplandecente e majestosa
eternidade, mesmo à custa de luz inferior.

Já vi Deus nas rosas do jardim selvagem.

Amo as cinco horas que me acordam
a ver a gota vagarosa do orvalho
na haste do pássaro pousar, escorrer
pelo rosto da dália
junto à janela
ainda aberta da alma.

Ou melhor – e mais felino – a eternidade toda
começa num mamilo teu.
És como jorro, raio, gota de luz
a levar o infinito à eternidade do gozo.

A bordo do abismo.

A trêmula nuance de ti alucina.

À montanha do tempo, à morte viva, esse rato
que os navios da vida abandonam.

Sudário, ataúde, baunilha.

A vida caminha estrada a fora sem rumo
ao norte da morte, rumo sem sentido. Absoluto.

Todo caminho reto é recuo.

O ouro onírico vale mais que o metálico.

Busco saciar a vital a soledade em ti.

Solidão a um, solidão sem Deus.

O outro extermina a solidão.

Dissolver-se no ser. Não dissolver o ser.

Poesia: alma do fogo da alma.

Onde vivem as infinitas horas?

Em que nicho proliferam?

Quanto dura a eternidade, afinal?

A poesia leva aos olhos
escusa luz escassa... e eles sedentos de treva
recusam.

Quando desperto pássaros, vejo
a luz do voo alargar, crescer
o céu, rosas múrmuras, néctar sorrindo
abrir o poema as asas...e
a manhã pousar na página.

NATUREZA TECNOLÓGICA MORTA

Há no cálice de hieróglifos
rosa exata
de pétalas matemáticas
florindo curvos enigmas
na manhã cilíndrica.

Flor de esfera girando
em torno de caules cúbicos.

Rosa circular
de hastes poliédricas.

Essa rosa nutre-se
em solo cibernético
e vinga à luz ofídica
de uma aurora lógica.

Essa rosa apunhala-se
nos jardins agnósticos
por chacais babilônicos

e pássaros octaédricos.

Flor de pétala físsil
e pólens de energia
de corolas quânticas
e pistilos pitagóricos.

Rosa iônica
de frutos cegos
sob sol noumênico
de luz abstrata.

Equação de lírios
de cores prismáticas
e raízes biquebradas
sob céu rômbico.

Rosa axiomática
de odor enigmático
em vaso sânscrito

BIOGRAFIA DO AUTOR

VITAL CORRÊA DE ARAÚJO. Poeta, escritor, jornalista, auditor do tesouro, bacharel em Direito (advogado), com curso de História e Filosofia. Estágio de administração tributária na Alemanha e especialização sindical na Venezuela, professor do curso médio, conferencista, tradutor, especialista em Jorge Luís Borges. Filho de Deográcia Cavalcanti de Albuquerque Corrêa de Araújo e Cláudio Corrêa de Araújo, neto do poeta Manuel Florentino Corrêa de Araújo (Juiz de Direito, formado na Faculdade de Direito do Recife – UR, em 1930), que, durante mais de uma década, uma vez por ano, a cada 20 de maio, fazia um soneto elegíaco, em memória dos fastos nefastos, ocorridos a 20 de maio de 1915, quando, do parto do primeiro filho – Cláudio – morreu a esposa – Sinhazinha (avó de Vital) – com apenas 16 anos.

A propósito, a romancista, pesquisadora, memorialista e genealogista, psiquiatra e integrante do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Drª. Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, em seu romance Luz do Abismo, tem,

na trama, o personagem Maneco, em que retrata o poeta Manuel Florentino. Pai de Cláudio Corrêa de Araújo Neto e Murilo Dantas Corrêa de Araújo (Murilo Gun, que, aos 13 anos, foi convidado ao programa de Jô Soares, como o garoto prodígio da Internet e bi-campeão do Ibest, além de integrante do júri oficial, atualmente é ator e humorista, introdutor do stand-up comedy, no Norte/Nordeste).

Vital nasceu em Vertentes-PE. Dos 18 aos 50 anos, foi Fiscal de Rendas (Auditor do Tesouro), exercendo cargo de Subsecretário da Fazenda, Chefe de Gabinete e Diretor da Receita nos estados do Amazonas e Rio Grande do Norte. Foi diretor e chefe da Assessoria da Diretoria Geral da Receita, da SEFAZ-PE, durante 10 anos, com curso de especialização na Alemanha por três períodos, desde 1987. Foi Secretário particular do governador Lavoisier Maia, que é padrinho, juntamente com a ex-prefeita do Natal e ex-governadora do Rio Grande do Norte – Wilma de Faria –, do seu filho, Murilo Gun. Ao longo de 10 anos, foi secretário geral da Associação dos Auditores Fiscais de Pernambuco, de que, durante quatro eleições, foi designado para presidente da Junta Eleitoral. De 1990 a 1995, Secretário-geral da FENAFISCO

(Federação Nacional do Fisco), com sede em Brasília. Presidente (e fundador) da Cooperativa de Atividades Múltiplas – MILLENIUM, de 1998/2001, fundador e diretor – secretário do Instituto Brasileiro PRÓCIDADANIA (Ong), desde 1995. Presidente do Conselho de Recursos Fiscais do Estado do Rio Grande do Norte e Auditor Fiscal (julgador em 1ª instância de processos fiscais) no Estado do Amazonas. Instrutor de cursos de Atualização Fiscal nas Secretarias de Fazenda do AM, RN e PE (Administração Fazendária), bem como diretor e professor do Colégio do CNEG, em Santa Cruz do Capibaribe.

VCA é reconhecido conferencista sobre matéria fisco-tributária nos estados de RN e AM, com várias plaquetas publicadas, além de trabalhos em revistas especializadas. Na área penal, atuou em júris populares, como advogado de defesa em Vertentes e Santa Cruz do Capibaribe e, nesta Comarca, como Promotor ad-hoc, durante dois anos. Obteve 1º lugar nos vestibulares de História, Filosofia e Direito, respectivamente em 1963, 1967 e 1970 e notas 10 em todas as matérias, nos dois primeiros anos, do curso de Direito. Observe-se que, em 1970, verbi gratia, o vestibular de Direito era estruturado em 21 provas (7 matérias), sendo 7 escritas e 14 orais.

Vital Corrêa participou dos três Congressos Brasileiros de Escritores promovidos pela UBE em Pernambuco: o I, de 15 a 17/11/1995, como membro da Comissão Organizadora, e coordenador geral dos outros: o II, de 26 a 28/09/2000, e o III, de 25 a 28/03/2002 (no Recife Palace Hotel); do III Congresso, além de coordenador-geral, foi relator das atividades, conforme consta do Relatório de Execução, inserto às págs. 31/35, dos Anais, organizados e editados por equipe liderada pelo jornalista Hugo Vaz. Coordenou, também, a participação (curadoria literária) da UBE na 3ª Feira Internacional do Livro, de 20 a 27/10/2001, no Centro de Convenções de Pernambuco. Integrou a delegação de PE, comandada por Paulo Cavalcanti, ao II Congresso Brasileiro de Escritores – São Paulo – 1985 (O I foi em 1945). Foi curador das duas primeiras edições da Fliporto e Presidente da UBE-PE, por três mandatos.

I- ENSAIOS/LIVROS SOBRE O POETA (exemplificativo)

A Perversão Poética: entre a tradição e a invenção, do Prof. Catedrático da UFPE, Sébastien Joachim (apresentado no plenário do III Congresso Brasileiro dos Escritores, no Recife Palace Hotel – Boa Viagem – Recife, em 27/03/2002).

Tempo de Poesia (ensaio de César Leal publicado no 2º volume de Dimensões Temporais na Poesia – César Leal – Imago).

O destino poético de Vital Corrêa de Araújo – Sébastien Joachim. Edições Bagaço / Inst. Maximiano Campos – 2009.

A estranha poesia de Vital Corrêa de Araújo – obra organizada por Admmauro Gommes, professor de Teoria Literária da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul (FAMASUL), Palmares, PE. Recife: Edições Bagaço, 2013.

Vate Vital - obra de Admmauro Gommes, professor da FAMASUL, Aracaju: Gráfica CriAArt, 2018.

II - LIVROS PUBLICADOS:

Título Provisório (Prêmio de Poesia Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, o mais importante prêmio literário da época) Edição Fundação José Augusto – 1977.

Burocracial (vários prêmios, inclusive prêmio ESCRITA de poesia – SP) Edições Pirata – 1982.

Poemas com Endereço (antologia, com outros três poetas) Presença Poética Nordeste – 1985.

Gesta Pernambucana (Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, Conselho de Cultura da Cidade do Recife, 1985), (Prêmio Nacional, com a maior bolsa financeira do Brasil, integrando a comissão julgadora: Marcus Accioly, Pedro Lyra (UFRJ) e o Editor Cultural do jornal O Estado de São Paulo.

As Flores da Urbe (Prêmio Edson Régis – PEN Clube do Brasil – Recife, 1986. Edição Particular, fora de comércio – 30 exemplares – 1990.

Coração de Areia (Prêmio da Academia Pernambucana de Letras), Edições Fundarpe, 1994.

Gide ou o Desejo, edição particular, fora de comércio 1995.

50 poemas escolhidos pelo autor. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2004.

Só às Paredes Confesso. Edições Bagaço. 2006.

Palpo a Quimera e o Tremor. Edições Bagaço. 2009.

A Cimitarra e o Lume – Edição do autor.

Ora pro nobis scania vabis. Recife: Bagaço, 2010.

Ave Sólida. Recife: Bagaço, 2010.

Bando de Mônadas. Recife: Bagaço, 2011.

Confissões de Vital Corrêa de Araújo. Recife: Edição do autor, 2012.

Crepúsculo do Pênis. Recife: Edição do autor, 2012.

Kant não estuprou a camareira. Recife: Bagaço, 2012.

Borges e Eugénio. Recife: Bagaço, 2012.

Hímen de Mallarmé. Recife: Bagaço, 2012.

ID. Recife: Bagaço, 2013.

Estrutura da obra. Recife: Bagaço, 2015.

Segunda Edição (título provisório). Recife: Bagaço, 2016.

Prosa: futuro arcaico. Recife: Bagaço, 2016.

A poesia salva a alma. Recife. Edição do autor. 2017.

Semata. Edição do autor. Recife. 2017.

Luz de álgebra. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Poesia sal e âncora. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Poesia sem fim. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Fractália lírica. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Quiçá, menos luz... Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

Insólita Clepsidra. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

Dicionário de êmbolos e cajados. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

Pálpebras de Pedra. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

Mandíbula Eleata. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: CriAArt, 2021.

LIVROS PUBLICADOS por ordem alfabética

1 - **50 poemas escolhidos pelo autor.** Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2004.

2 - **A Cimitarra e o Lume –** Edição do autor.

3 - **A poesia salva a alma**. Recife. Edição do autor. 2017.

4 - **As Flores da Urbe** (Prêmio Edson Régis – PEN Clube do Brasil – Recife, 1986. Edição Particular, fora de comércio – 30 exemplares – 1990.

5 - **Ave Sólida**. Recife: Bagaço, 2010.

6 - **Bando de Mônadas**. Recife: Bagaço, 2011.

7 - **Borges e Eugénio**. Recife: Bagaço, 2012.

8 - **Burocracial** (vários prêmios, inclusive prêmio ESCRITA de poesia – SP) Edições Pirata – 1982.

9 - **Confissões de Vital Corrêa de Araújo**. Recife: Edição do autor, 2012.

10 - **Coração de Areia** (Prêmio da Academia Pernambucana de Letras), Edições Fundarpe, 1994.

11 - **Crepúsculo do Pênis.** Recife: Edição do autor, 2012.

12 - **Dicionário de êmbolos e cajados**. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

13 - **Estrutura da obra**. Recife: Bagaço, 2015.

14 - **Fractália lírica.** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

15 - **Gesta Pernambucana** (Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, Conselho de Cultura da Cidade do Recife, 1985), (Prêmio Nacional, com a maior bolsa financeira do Brasil, integrando a comissão julgadora: Marcus Accioly, Pedro Lyra (UFRJ) e o Editor Cultural do jornal O Estado de São Paulo.

16 - **Gide ou o Desejo**, edição particular, fora de comércio 1995.

17 - **Hímen de Mallarmé.** Recife: Bagaço, 2012.

18 - **Insólita Clepsidra**. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

19 - **ID.** Recife: Bagaço, 2013.

20 - **Kant não estuprou a camareira**. Recife: Bagaço, 2012.

21 - **Luz de álgebra**. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

22-**Mandíbula Eleata.** Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: CriAArt, 2021.

23 - **Ora pro nobis scania vabis**. Recife: Bagaço, 2010.

24 - **Pálpebras de Pedra**. Seleção e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

25 - **Palpo a Quimera e o Tremor**. Edições Bagaço. 2009.

26 - **Poemas com Endereço** (antologia, com outros três poetas) Presença Poética Nordeste – 1985.

27 - **Poesia sal e âncora.** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

28 - **Poesia sem fim.** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

29 - **Prosa: futuro arcaico**. Edição do autor. 2016.

30 - **Quiçá, menos luz...** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

31 - **Segunda Edição** (título provisório). Recife: Bagaço, 2016.

32 - **Semata.** Edição do autor. Recife. 2017.

33 - **Só às Paredes Confesso.** Edições Bagaço. 2006.

34 - **Título Provisório** (Prêmio de Poesia Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, o mais importante prêmio literário da época) Edição Fundação José Augusto – 1977.

III - A POESIA DE VCA É TEMA CENTRAL NOS LIVROS

A Estranha Poesia de Vital Corrêa de Araújo - Org. Admmauro Gommes. Recife: Bagaço, 2013.
O futuro da poesia. Org. Admmauro Gommes. Recife: Bagaço, 2017.
A Teoria da Poesia Absoluta. Admmauro Gommes. Recife: Bagaço, 2017.
Poesia Pernambucana Hoje. Antologia dos poemas de VCA. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior (UFPE)
O Destino Poético de VCA - do emérito Prof. Sebastien Joachim.
Vate Vital - Admmauro Gommes. Aracaju: Gráfica CriAArt, 2018.

IV - TÍTULOS INÉDITOS:

Ao Vinho (Prêmio BANDEPE/2002 de Poesia, bolsa Financeira de R$ 10.000,00 (livre de impostos), **Diatribe, Diva ode, Falo, Flauta de pássaro, Haicais Heterodoxos, Lance de Búzios, Simulacro, E SOS Esperança**

V - PUBLICADO EM ANTOLOGIAS
(exemplificativo)

Nova Poesia Brasileira – Org. Olga Savary – Editora Imago – RJ, 1991.

Antologia Poética Prêmio Scortecci de Poesia. SP. 1982.

Antologia Poética – Série Imprensa Pernambucana – organizada por Orismar Rodrigues – Editora Comunicarte – AIP. 1994.

Poesia Viva do Recife (homenagem aos 459 anos do Recife) – Edições CEPE, 1996.

The Poetry – Org Teresinka Pereira / Boulder – Colorado / USA

Clube dos 13 – Poemas de Circunstância Volumes I, II e III Edições Pasárgada / FUNDARPE – 1994 (Seleção de 30 poemas de cerca de 300 elaborados em guardanapos em mesas de bares ao longo de 10 anos, com Edgard Powell e outros).

A Fotografia e seu Poema – Exposição 1989 (Flávio Azevedo).

A Pintura e a Poesia – Exposição – Ana Montenegro, 1989.

Coletânea Poesia e Pintura POETAS DA RUA DO IMPERADOR, 1987. Organizada por Vital Corrêa de Araújo (Fundador do Movimento, com Iran Gama e Paulo Bandeira) e outros.

46 Poetas, Sempre. Org. Almir Castro Barros, por delegação da UBE), Edições Bagaço, 2002 – IIII Congresso. Recife Palace Hotel.

Espiral Revista de Literatura, Editor João Dummar Filho, 2002 – Ceará.

Álbum do Recife (organizado por Jaci Bezerra) – 450 anos de fundação da Cidade do Recife – Prefeitura do Recife (tendo o poema Recife do Povo ilustrado pelo pintor João Câmara) – 1987. ·

Poèsie du Brésil, organizada pela poeta e tradutora Lourdes Sarmento, edição bilíngue da Editora Varicuetos/Chemins Scabreux, Paris – 1997

Mormaço e Sargaço (poesia) 1998.

Poemas de Sal e Sol (poesia) 1999, organizadas por Benito Araújo.

Água nos Trópicos – Poetas Contemporâneos, organizada por Lourdes Sarmento e Beatriz Alcântara, dentro do projeto literatura nos trópicos – Editora Bagaço e Governo do Ceará – 2000.

Antologia de Poetas Nordestinos – Organizada por Benito Araújo – Edições Micro/2000.

Fauna e Flora nos Trópicos. Seleta de Poemas. Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento (organizadoras) Secretária da Cultura e Desporto do Estado do Ceará (SECULT) Fortaleza – 2002. Diário do Natal (RN) Suplemento Cultural – Diário Oficial de PE.

ACADEMIAS/ASSOCIAÇÕES

Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, tendo como patrono de sua cadeira (por escolha própria) o Poeta Paulo Bandeira da Cruz.

Associação de Imprensa de Pernambuco (como membro titular).

PEN Clube do Brasil (Secção de Pernambuco), onde exerceu o cargo de Primeiro Secretário.

UBE-PE, tendo exercido o cargo de Diretor de Imprensa e Diretor-Secretário na gestão de Paulo Cavalcanti, quando reabriu a UBE, em 1984, fechada há mais de 20 anos pela ditadura de 64; o de Tesoureiro, já por sufrágio, na 1ª eleição (25.12.1984), após o ressurgimento da UBE, em que Paulo Cavalcanti foi eleito presidente, e Diretor e Administrador Geral desde 1995. Em 17.01.2003, foi eleito Presidente da UBE. · Diretor Administrativo da AIP, eleito em 2005.

Prêmio com bolsa Financeira Jornal da Cidade de Bauru-SP, 1976.

UBE-GO – Concurso CIAASA Poemas de Amor (1984)

Revista ESCRITA-SP – 1984;

Prêmio Otoniel Menezes, da Prefeitura do Natal – 1977;

Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, do Conselho Municipal de Cultural, da Prefeitura da Cidade do Recife – 1985;
Academia Pernambucana de Letras – 1994 / 2000 / 2007.
PEN CLUBE DO BRASIL – Secção de Pernambuco – Prêmio Édson Régis – 1986.
Prêmio BANDEPE de Poesia 2002 (Valor líquido da bolsa: R$ 10 mil) entregue em solenidade no Arcádia Apipucos, em 21/03/2002.

VI - CONFERÊNCIAS E PALESTRAS

Conferencista do painel coordenado pelo advogado Urbano Vitalino, em que discorreu sobre o tema POESIA: O Mistério da Palavra, ao lado do poeta Carlos Nejar, no dia 24/10/2001, na 3ª Feira Internacional do Livro.
Palestra sobre poesia em evento cultural do SINDIFISCO, em Recife (1998).
Palestra sobre poesia em evento cultural da Secretaria da Fazenda. (1997).
Explanação sobre poesia para 35 alunos do curso primário do Colégio São Luís (sede da UBE) / 1999.
Palestra sobre Poesia Moderna, em várias instituições.

Palestra sobre Poesia Pernambucana, em Dusseldorf (Alemanha) 1987/1999.

Palestra sobre Poesia Brasileira, em Caracas (Venezuela) na Livraria El Ateneu, (Teatro Colón) em 1996.

Palestras como Presidente da UBE em eventos diversos, congressos, festivais, como Flig e Fliporto.

Integrante de Comissão Julgadora de CONCURSOS CETEPE de Poesia (com Paulo Bandeira da Cruz e Iran Gama).

Prêmio Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, 1978.

Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, da Prefeitura da Cidade do Recife – 2002.

Biblioteca Pública de Afogados (2002), com Lucilo Varejão Neto e Heloisa Arcoverde. 2004 e 2005.

Prêmio Carlos Pena Filho, do Bar Savoy e Commercio Cultural, com Marco Pólo e Bezerra de Lemos, entregue no lançamento do Livro de Carlos, de Edilberto Coutinho.

Concursos literários da SEFAZ-PE, UBE e Diário da Manhã (do qual foi editor por 3 anos do caderno cultural).

VII - ENCICLOPÉDIAS / DICIONÁRIOS / INSTITUIÇÕES

Integra:

Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza (1ª edição) e Atual edição (Global Editora 2001), revista, ampliada e atualizada por Graça Coutinho e Ria Moutinho.

Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (Leodegário A. de Azevedo Filho).

Dicionário Bibliográfico de Poetas Pernambucanos, organizado por Lamartine Morais – Fundarpe, Recife/1993.

Membro-correspondente da Revista ELAN (Poétique, Littéraire et Pacifist), editada por Louis Lippens, há 50 anos, sendo o único representante brasileiro desde 1987, ao lado de outros de 71 países.

Foi correspondente do lendário jornal alternativo Nação Cariri, editado no Ceará, pelo poeta Rosemberg Cariri.

Foi Primeiro-Secretário (em 2001) do Rotary Santana (Recife), de que foi fundador.

Curso de Aperfeiçoamento na Alemanha (Renânia do Norte / Vestfália / Solingen / Dunsseldorf sobre Sistema de Arrecadação – Jun/Out, 1987).

Curso de Aperfeiçoamento (Política e Realidade Sindical Latino-Americana) na UTAL – Universidade dos Trabalhadores da América Latina,

da CLAT – Central Latino-Americana de Trabalhadores, no período de 07 a 27 de abril de 1991 (Caracas – Venezuela).

Curso de Aperfeiçoamento na Alemanha, na Escola Fazendária de Haan / Renânia do Norte / Vestfália, sobre Inteligência Fiscal – 1995.

Liderou grupo de 30 brasileiros e foi Instrutor em curso de Sindicalismo Moderno, na UTAL / CLAT, San Antonio de los Altos – Venezuela, 1996.

Liderou grupo de 50 Auditores Fiscais de 16 estados brasileiros, que participaram de curso na Alemanha (Escola Fazendária de Haan, Renânia do Norte-Vestfália), de 20/08 a 15/09/1999.

VIII - HOMENAGENS / COMENDAS / DIPLOMAS

ASCDESF – Associação Socioculturall dos Docentes do Ensino Superior da FUNESO. "Poema esculpido no pedestal da estátua de Augusto dos Anjos, juntamente com poemas de Marcus Accioly e Mauro Mota (o último que ele criou), que está ereta na Praça da República e foi obra de Abelardo da Hora e Luiz Pessoa.

UBE – RJ

UBE – São Paulo

Comenda do Governo do Estado de Pernambuco e do Gabinete Português de Leitura.